

Construir o Lugar

Entre a Ribeira de Sassoeiros e a Linha Férrea

Discente:

Catarina Madureira Costa

Docentes:

Professor Doutor José Luís de Saldanha
(Orientador da vertente teórica)

Professor Doutor Pedro Aguiar Mendes
(Orientador da vertente prática)

ISCTE-IUL
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Outubro, 2019

Ao Professor José Luís Saldanha pela paciência, conselhos e motivação que me deu neste longo ano letivo em que estive a elaborar este trabalho e ainda pela sua disponibilidade e apoio incansável durante todo o meu percurso académico.

Ao Professor Pedro Mendes, pelo acompanhamento ao longo do ano.

Ao Professor José Neves por me ter feito crescer um bocadinho e me fazer olhar para a arquitetura com um sentido de propósito.

À Mariana e à Rita, pelos pequenos momentos de diversão nas alturas mais desagradáveis das entregas que se sucederam ao longo destes anos, por terem sido as melhores colegas que poderia ter arranjado para fazer comigo este percurso, cujo apoio foi sem dúvida fundamental para a realização deste curso.

À Bruna, Patrícia, Carolina, Tita e Margarida por serem a melhor companhia tanto nos momentos de lazer como nos momentos mais stressantes.

A toda a minha família, especialmente:

Aos maninhos Gonçalo e Patrícia, por serem a minha maior dor de cabeça e alegria.

À minha mãe, por me tentar mostrar o lado mais positivo da vida e ser a pessoa que todos os dias me ajuda a combater os meus receios e a ultrapassar os obstáculos.

Resumo

Ao construir lugares, o homem relaciona-se com o meio onde está inserido e experimenta um conjunto de emoções que lhe proporcionam conforto e bem-estar enquanto os habita.

Os lugares têm assim um papel determinante na vida individual e coletiva, especialmente aqueles lugares cuja organização do espaço foi concebida de modo a valorizar a função social – o espaço público, permitindo desta forma dar continuidade ao desenvolvimento da cidade.

Enquanto que nas cidades anteriores ao movimento moderno, estes lugares eram concebidos com base na sua função coletiva, atualmente encontramos, em consequência do crescimento acelerado e sobreposição dos elementos das cidades, a maior parte dos lugares desintegrados do tecido urbano e da vida social destas.

Pretende-se com este trabalho efetuar uma reflexão acerca da importância destes lugares coletivos no território contemporâneo, no contexto da arquitetura, considerando conceitos que permitam devolver a estes lugares o seu caráter individual e social, possibilitando a regeneração da vida urbana e a sua continuidade.

Aplicando estes conceitos a um caso de estudo mais específico, foi desenvolvido o projeto final de mestrado de arquitetura, na zona entre a Ribeira de Sasseiros e a Linha Férrea, na freguesia de Carcavelos, num espaço que apesar da sua localização privilegiada, apresenta atualmente um conjunto de características muito comuns à contemporaneidade, com um tecido urbano esquecido e desintegrado devido ao excesso de sobreposições de elementos, com perda do seu caráter social.

Pretende-se assim estudar e intervir neste local de forma a devolver-lhe o seu caráter social e a sua continuidade urbana.

Palavras - Chave: Lugar, Cidade, Arquitetura, Espaço Público, Identidade, Continuidade Urbana

Abstract

To Creating spaces, Men interact with the environment where he is involved and feel several emotions that give him comfort and a good feeling while he dwells.

That is why places have an important role both individual and collective for living, especially those ones in which the space organization were designed to create social value – the public space that enables the possibility to continue developing the city.

While in the cities before the modern era, these places were designed considering a collective role, as the consequence of a fast growth and city's elements overlap, in our days we find that most of the places are not integrated in an urban environment oriented to social life.

The main purpose of this work is to reflect about the importance of these public spaces in the contemporary territory, in an architecture context way, considering concepts that allow to give back these spaces the individual and social role, allowing the Urban life regeneration and it's continuity.

Applying these concepts to a specific case study, this project was developed as part of architecture master's degree, in Carcavelos in the area between Sassoeiros's riverside and the railway, in a space that despite the privileged localization, presents a set of very common contemporary characteristics, showing an urban environment that is not integrated due to the excess of overlapped elements, forgetting this way the social purpose.

The intention is to study and intervene in this local to give back it's urban continuity.

Key-Words: Place, City, Architecture, Public Space, Identity, Urban Continuity

1 Introdução

I.

9 Da cidade como Lugar aos *Não-Lugares* da cidade

- . Sobre o Lugar
- . Os Lugares antigos
- . A cidade moderna
- . Os Não-Lugares da cidade contemporânea

II.

52 O Lugar do Espaço Público na cidade atual

- . Premissas de intervenção

III.

96 O contexto do Lugar no território de Cascais (caso de estudo)

- . Sobre o contexto
- . Projeto

127 Considerações finais

129 Referências Bibliográficas

133 Índice de Imagens

*“What we call the beginning is often the end.
And to make an end is to make a beginning.
The end is where we start from.”*

T.S.Eliot - Four Quartets

Introdução

Desde a sua origem que o Homem enquanto mortal que habita o planeta Terra, deixa vestígios da sua passagem através dos lugares que cria, para se orientar e satisfazer as suas necessidades.

O Lugar, essencialmente definido pela sua condição histórica, simbólica e ambiental, parte duma relação indissociável entre o meio geográfico e o ser humano, onde o modo como este Habita e experimenta a vida quotidiana, determina a criação de novos lugares, em novos contextos, dando assim identidade e continuidade à vida da Cidade no espaço e no tempo.

É assim hoje em dia evidente esta relação que se foi estabelecendo entre a intervenção humana e o espaço organizado da cidade, a qual constitui a identidade coletiva de um conjunto de lugares que integram as sucessivas construções e sobreposições das sociedades de diferentes épocas que, desde o início do Movimento Moderno, têm dado lugar a transformações baseadas em princípios genéricos sem qualquer carácter ou relação com a condição do Lugar e da paisagem onde se inserem, originando assim uma rutura entre a história e a tradição dos lugares antigos e contemporâneos.

Se a Cidade antiga era definida pela sua particular estrutura formal e capacidade de conceber valores culturais e simbólicos, em que o carácter público e político tinham um papel primordial na vida da sociedade, a Cidade atual é feita, maioritariamente, do que o antropólogo *Marc Augé* denomina de Não-Lugares que por oposição aos Lugares, são espaços que “(...) não se podem definir nem como identitários, nem como relacionais, nem como históricos” (Augé, 2005: 67), associados ao processo de globalização e multiculturalismo, onde o individual se sobrepõe ao coletivo e o espaço social tende a encontrar-se cada vez mais fragmentado e desintegrado da vida da cidade.

Considerando a situação em que atualmente se encontram as cidades contemporâneas, existe uma necessidade acrescida de repensar o espaço público da cidade, que desde sempre foi motor do seu desenvolvimento e uma componente fundamental no ordenamento e na articulação dos seus restantes elementos.

O interesse neste tema de repensar o espaço público da cidade, foi crescendo durante o período de intercâmbio que realizei na metrópole de São Paulo, onde me deparei com uma cidade que através da sua paisagem urbana representa de forma muito visível a realidade contemporânea. Esta cidade, que cresceu de forma descontrolada através duma lógica privada e hierárquica entre indivíduos de diferentes estatutos sociais, transformou-se num território caracterizado por uma dicotomia entre centro e periferia, onde o seu centro é difícil de identificar, e em que os espaços públicos disponíveis onde democraticamente se pode permanecer e conviver, são escassos, verificando-se constantemente a privatização do público através de condomínios em forma de arranha-céus que acrescentam à cidade uma descontinuidade no seu tecido e na sua vida urbana.

Ao experienciar a vida desta metrópole, tornou-se ainda mais evidente a responsabilidade do arquiteto tanto para com a sociedade como para com o território que utiliza para habitar, sendo a sua tarefa a de criar lugares que se adequem ao meio e não a de obrigar a que o meio se adequem às necessidades da sociedade.

Esta dissertação, realizada no âmbito de trabalho final de Mestrado em Arquitetura, tem como foco uma reflexão sobre o potencial dos lugares públicos da cidade atual, num confronto com a arquitetura, com o objetivo de integrar a complexidade dos novos fluxos da contemporaneidade com os lugares existentes, de reestruturar o território fragmentado e descontínuo gerado pelo seu crescimento acelerado, regenerando assim a sua vida urbana de forma a proteger o seu caráter identitário e a dar continuidade à sua estrutura urbana.

O trabalho está estruturado em três capítulos, sendo que a primeira parte (capítulo I e II), consiste numa reflexão sobre conceitos, e ainda alguns exemplos de projetos que relacionam o tema do lugar com o homem, a arquitetura e a cidade. Na segunda parte (capítulo III), pretende-se tendo em conta, os conceitos estudados anteriormente, a aplicação dos mesmos na zona de intervenção do projeto desenvolvido durante o ano letivo na freguesia de Carcavelos, mais especificamente o local onde a linha férrea cruza a Ribeira de Sassoeiros, recinto onde se situa a feira e o mercado, onde se apresenta uma proposta de requalificação de forma a promover a sua continuidade urbana.

Nas reflexões sobre este tema, no qual assenta este trabalho foram imprescindíveis leituras das obras de pensadores como Aldo Rossi, Vittorio Gregotti, Notberg-Schulz, Fernando Távora, Nuno Portas e ainda as ideias do antropólogo Marc Augé.

*“Vuoi guardare il muro...
O vuoi guardare la valle?”*

*Queres olhar para um muro...
ou queres olhar para um vale?*



1. Desenhos para os direitos do Homem - Ettore Sottsass, 1972/1979

I

Sobre o Lugar

A palavra Lugar, (derivada do latim *locális*, de *locus*), pode ter diversos significados e possibilidades de leitura. Segundo o *Dicionário de Língua Portuguesa* da Porto Editora, Lugar tem como definição geral “1-espço ocupado por um corpo; sítio; local; 2-posição; ordem; (...)” (DLP, 2002, p.1034), estando relacionado com a teoria do filósofo grego Aristóteles, que ao contrário do conceito de espaço como algo infinito e genérico, atribuiu à noção de lugar um sentido físico e geométrico definido por três dimensões espaciais (altura, largura e profundidade) que está associada a uma ideia de limite, onde “o lugar duma coisa é a sua forma e limite (...) A forma é o limite da coisa, enquanto que o lugar é o limite do corpo continente.”(Física de Aristóteles, 1995). Este *espço ocupado* é “essencialmente, o fruto de uma arrumação, de um espaçamento, o que foi deixado em seu limite. O espaço é o que, a cada vez, se propicia e, com isso, se articula, ou seja, o que se reúne de forma integradora através de um lugar, (...) Por isso os espaços recebem sua essência dos lugares e não “do” espaço” (Heidegger, 2012: 134).



2. "England, 1967", fotografia de Richard Long

O lugar, mais do que o espaço geométrico, é definido pelo espaço antropológico que segundo o filósofo Merleau-Ponty é o “espaço existencial”, que resulta de uma experiência de interação entre o meio e o ser humano, em que este através do ato de construir, lhe confere significado, valor e memória. A ideia de lugar está associada a imagens e sentimentos que transmitem uma sensação de atração e valor de proteção a quem os experimenta. Este tipo de atração, de empatia e de afinidade experienciado pelo ser humano em determinado contexto singular, pode ser definido pelo termo *topofilia*¹, que descreve a ligação de afetividade e intimidade que as pessoas criam com os lugares que habitam na sua vida quotidiana (Bachelard, 1994).

O meio geográfico que o Homem transforma em lugar concreto e humanizado para habitar, foi adquirindo sentidos e escalas diversas ao longo do tempo, resultando numa complexa interação entre a Arquitetura, o Território e a Paisagem. O lugar pode iniciar-se num simples espaço interior duma casa, que expressa valor simbólico para quem a habita, evoluindo até um elemento estruturador do tecido urbano, como um monumento histórico ou um espaço público, como uma praça, que marca a paisagem duma determinada cidade e lhe confere identidade cultural.

¹Topophilia - termo criado pelo britânico John Betjeman e utilizado por Gaston Bachelard no seu livro “The Poetics of Space” para descrever as relações de empatia e intimidade que os ser humanos desenvolvem pela particularidade de determinados lugares. Este termo foi também aplicado mais tarde pelo geógrafo Yi-Fu Tuan, no seu livro “Topophilia”

“Se a constituição geológica do solo orienta e define o destino do homem no lugar, comumente o clima desse lugar determinará a sua vida, moldando a sua existência física e psíquica e definindo a sua atividade, o seu comportamento, o seu agregado familiar, a sua habitação, o povoado e a região”

(Associação dos Arquitetos Portugueses, *Arquitetura Popular em Portugal*, v.1, 1988: 159)

Neste trabalho interessam os lugares a que o arquiteto *Aldo Rossi* chama de factos urbanos primários, que pela sua excecionalidade e exclusividade na forma e carácter têm a capacidade de atribuir significado aos lugares coletivos da cidade funcionando como *catalisadores*² da mesma, nomeadamente o espaço público. Segundo este autor, o locus é determinado “pelo seu espaço e tempo, pelas suas dimensões topográficas e pela sua forma, por ser base de uma sucessão de acontecimentos antigos e recentes, pela sua memória” (Seixas Lopes, 2016: 143) - esta ideia de lugar está ligada ao coletivo da cidade em que “a própria cidade é a memória colectiva do seu povo e, tal como a memória, está associada a objetos e lugares, a cidade é o locus da memória colectiva. Esta relação entre locus e cidadania torna-se então imagem predominante da cidade, tanto da arquitetura como da paisagem, e, à medida que determinados artefactos se tornam parte da sua memória, outros, novos emergem” (Ibid). Esta mesma ideia de lugar, segundo o arquiteto Christian Norberg-Schulz “é a concreta manifestação do habitar humano” evidenciando que o lugar é essencialmente o suporte existencial fundador da vida humana, tanto singular como coletiva, que permite ao homem um abrigo onde possa permanecer com espaços públicos de carácter singular que tenham a capacidade de ordenar e articular os percursos entre os volumes edificados, bem como gerar significado simbólico, permitindo que o ser humano se oriente e identifique na realização das suas atividades quotidianas.

²Catalisadores - expressão utilizada por Aldo Rossi em a *Arquitetura da Cidade* para definir os factos urbanos geradores de uma forma da cidade – monumentos, atividades fixas – elementos capazes de acelerar o processo de urbanização de uma cidade, relacionando-o com um território mais vasto.

A organização deste ambiente que a sociedade **constrói** através da arquitetura e que utiliza para habitar, é fundamental para a individualidade e continuidade do desenvolvimento dos percursos da cidade e da sua paisagem cultural.

A relevância da circunstância do lugar está cada vez mais evidente nas paisagens culturais, dado que o que estabelece “a qualidade do lugar que construímos para habitar (no sentido amplo de estar convenientemente sobre a terra, em algum lugar) é seu nível de ordem e de invenção, sua idoneidade biológica, sua capacidade de acolhimento e adaptação ao poder de aquisição fisiológica e social de quem consome, sem confundir-se com ele; à vida que se desenvolve dentro e em torno, mas também antes e depois.” (Gregotti, 2004: 183).

A cidade cresce no tempo a uma velocidade cada vez maior, onde o seu uso e significado são transformados constantemente, consoante as necessidades e comportamentos da sociedade, neste sentido a disciplina da Arquitetura desempenha um papel determinante na criação dos lugares e na sua integração com o tecido urbano, devendo “promover o reconhecimento do caráter do lugar e referir sua capacidade de fruição total como um valor indispensável, reconhecível como estrutura do ambiente, para além do próprio modelo de cultura” (Ibid, 2004: 103).

Considerando que “o sentido da arquitetura está vinculado cada vez mais intrinsecamente à capacidade de compreender e solidificar o significado de mutação” (Ibid, 2004: 184), é assim indispensável integrar os desafios da contemporaneidade, de modo a que o território possa continuar a dar lugar à vida urbana em equilíbrio com o suporte geográfico e ambiental que a sustenta.

Os Lugares antigos

Recuando no tempo, é possível analisar que a cidade estabeleceu uma relação indissociável com o seu território desde o momento em que as primeiras civilizações humanas formaram as suas pequenas povoações como meio de proteção e desenvolvimento das diversas relações fundamentais para a vida, atribuindo-lhes um significado espiritual e simbólico.

Esta experiência do lugar era formada segundo a ideia de que este possuía um espírito protetor, ao qual os romanos chamaram de *genius loci*, que determinava a sua essência e valor. Este *genius* tinha a capacidade de criar um contexto particular que gerava significados e símbolos comuns à coletividade, o que estabelecia um sentimento de identificação e afetividade entre os habitantes e o espaço urbano.

A cidade antiga era concebida a partir de um processo espontâneo definido com uma clareza e sensibilidade estabelecendo uma forte relação entre o homem e a natureza do lugar, a qual determinou tanto a qualidade arquitetónica dos lugares como o desenvolvimento da sua cultura (Bacon, 1982). Estas cidades tinham ainda como particularidade o facto de que “as formas arquitetónicas constituíam um todo e serviam para um acontecimento” (Rossi, 2001: 155), ou seja a cidade era pensada no seu conjunto e não como soma de partes, em que o todo era mais importante que cada uma das partes, e os seus espaços coletivos tinham um papel predominante tanto na sua vida social como no desenvolvimento da sua estrutura urbana.

O exemplo mais notório deste processo dinâmico de construção é a mítica cidade grega de Atenas, uma das primeiras cidades-estado segundo critérios de ordem política e social, concebida como uma unidade orgânica a partir de um sistema de liberdade individual democrático onde os seus elementos eram parte integrante do território e cuja forma foi adaptada à sua topografia, ligando-a às atividades quotidianas da sociedade. Definida essencialmente pelo seu ponto de origem - a Acrópole (parte alta da cidade, fixada num ponto único, que servia de lugar de culto, simbólico e defensivo) e a Ágora (o recinto cívico delimitado essencialmente por edifícios públicos-stoas, onde se localizavam as lojas que serviam de lugar de encontro e espaço social acessíveis a uma minoria, onde se realizavam eventos, atividades de comércio e discussões políticas e filosóficas). Esta cidade, permanece ainda nos dias de hoje sobre os seus eixos de movimento continuando a crescer com o significado destes elementos, ainda que estes vestígios já não estejam evidentes na malha urbana, como é o caso do eixo Panathenaic (que mais do que uma rua, funcionava como um sistema de movimento central através da cidade que ligava os lugares mais importantes da Grécia e que impulsionou a evolução da forma da Ágora que posteriormente determinou o desenho de toda a cidade de Atenas) (Bacon, 1982).

Podemos resumir a cidade de Atenas através de uma ideia de arquitetura segundo o arquiteto urbanista Edmund Bacon numa relação topológica entre os seus elementos:

“Here is architecture which interlocks, buildings which reach out across space to other buildings, each one firmly implanted in the space in which it is located and creating interrelations and tensions between.”

(Bacon, 1982: 73)



3. Representação da Ágora de Atenas, Gravura de J. Buhlmann, 1881

Esta ideia de Ágora, espaço público comum da sociedade, desenvolvido pela Antiguidade Clássica, foi mais tarde reproduzida nas cidades medievais, através de cidades muralhadas onde surgiram espaços urbanos, na forma de ruas e praças, que devido às suas qualidades espaciais e estrutura particular orgânica permitiram desenvolver as atividades ao ar livre e conseqüentemente a sua vida social, onde os cidadãos se sentiam protegidos dos perigos da cidade fora da muralha.

Entre os diversos espaços públicos criados durante o período medieval, podemos destacar a *Piazza del Campo*, em Siena, Itália, localizada num vale, cuja sua forma em “D”, que relembra um grande anfiteatro, surgiu do espaço negativo sobrando que se foi definindo ao longo dos séculos pelo traçado das edificações que se adaptaram à topografia, cuja forma coincide com a morfologia do território do vale, resultando assim num lugar coletivo de caráter único. Este lugar ainda hoje em dia oferece condições propícias tanto a atividades singulares como coletivas, das quais podemos destacar o evento tradicional do Palio, que ocorre duas vezes por ano, contando com a presença de pessoas de várias cidades que se juntam para assistir a uma corrida de cavalos. Este é um exemplo que evidencia que o caráter dos lugares é definido não apenas por características espaciais, mas também por eventos culturais que se experimentam repetidamente.



4. Piazza del Campo, Palio di Siena – fotografia de Paolo Tosti

“It is important to note that these cities did not develop based on plans but rather evolved through a process that often took many hundreds of years, because this slow process permitted continual adjustment and adaptation of the physical environment to the city functions. The city was not a goal in itself, but a tool formed by use”

(Gehl, 2011: 41)



5. Napoli, Rione Stella, 1983 - fotografia de Pepi Merisio

O conceito de espaço público, continuou a ser desenvolvido no período do Renascimento, no entanto a ideia de cidade e organização dos seus espaços diferiu das cidades medievais orgânicas e espontâneas, passando estas a ser estruturadas através dum desenho planeado e racional, a partir de princípios matemáticos e da perspectiva científica (criada nesta mesma época), com especial interesse pelos aspetos visuais formais e estéticos, o que fez com que o homem renascentista desse menos interesse à função principal destes espaços – o coletivo e social (Gehl, 2011). O magnetismo resultante da representação do espaço e da sua massa, bem como o desejo pela ideia de ordem monumental dos elementos da cidade e do seu aspeto visual, é representado com clareza pelo conjunto de vedutte de “Cidades Ideais”, em que a perspectiva das praças, definida pela simetria dos edifícios laterais e por um plano central composto por monumentos imponentes, intensificando a ideia de ordenação geométrica consciente das edificações e de limite, espaço contido, esta última presente nas épocas anteriores.

Para evidenciar o contraste entre a utilização do lugar como função social ou apenas como elemento formal, é de referir a ilustração de Canaletto da Piazza San Marco, e as vedutte de “Cidades Ideais” de Baltimore e de Urbino.

Enquanto que a primeira, representa a praça central de Veneza (definida entre o período medieval e renascentista), onde se destaca a forte presença das pessoas no espaço central, deixando evidente a importância da sua função social, nas praças das pinturas renascentistas o foco é a perfeição das formas: a Baltimore apresenta pessoas que não se destacam na pintura (embora estas não façam parte da pintura original) e na Urbino há uma total ausência de pessoas, revelando a gradual perda da importância da sua função social. É ainda de salientar no caso da praça de São Marcos a relação da escala dos edifícios respeitando o sentido antropomórfico, não presente no caso da pintura de Baltimore.

É com este pensamento inovador renascentista que o espaço público, a arquitetura e o urbanismo se unem dum modo mais intenso dando uma nova escala à paisagem urbana.

Em síntese podemos afirmar que as cidades antigas, ainda que umas com objetivos funcionais e outras com fins mais de ordem geométrica e monumental, eram concebidas com o objetivo de ligar a construção arquitetónica com o meio, através do esqueleto que define e orienta a cidade – o espaço público. Estas cidades centravam o seu planeamento “na busca e reconhecimento como valor do *genius loci*, daquilo que o caracteriza como lugar singular e característico, o pitoresco, o típico” (Gregotti, 2004: 80). No entanto esta preocupação excessiva para com a cidade projetada segundo aspetos artísticos e formais no período Renascentista, criou definitivamente as condições que viriam a dar lugar à cidade moderna.



6. Ilustração da Piazza San Marco, Veneza, Canaletto, 1730



7. The Ideal City, Pintura Renascentista, Baltimore | 8. Ibid, Urbino

Cidade moderna

Com a Revolução Industrial, no século XIX, as cidades começaram a mudar de uma forma drástica, alterando-se a relação do homem singular e coletivo com o lugar e o seu meio, em resultado do impacto das novas tecnologias industriais que originaram uma explosão demográfica e o crescimento descontrolado das áreas metropolitanas.

O intenso processo de urbanização que se vivia durante o período de industrialização, criou problemas na cidade devido ao excesso de população, como epidemias resultantes da falta saneamento básico. Foi então necessário definir estratégias que acomodassem esta nova realidade, nomeadamente alojar as pessoas que se deslocavam massivamente do campo para a cidade. De entre as estratégias definidas neste período para projetar a organização da cidade, destaca-se o plano do urbanista francês Georges Haussmann, para Paris, realizado entre 1853 e 1870, que embora tenha destruído grande parte do tecido urbano medieval, baseou-se em estratégias de traçado urbano de ordem e de consumo, através das grandes avenidas de circulação - *boulevards*, parques e jardins, que promoviam tanto a vida pública do coletivo como incorporavam as infra-estruturas básicas de saneamento servindo os edifícios das zonas de habitação e comércio no piso térreo.

Este modelo de traçado reticular sistemático ligado à ideia de conexão e mobilidade, veio a servir de inspiração para a forma urbana e para o desenho e o funcionamento de diversas cidades, onde Lisboa não foi exceção, por exemplo na Avenida da Liberdade (linha de pensamento que o arquiteto Ricardo Carvalho explora nas conferências de “Todos os Lugares”).



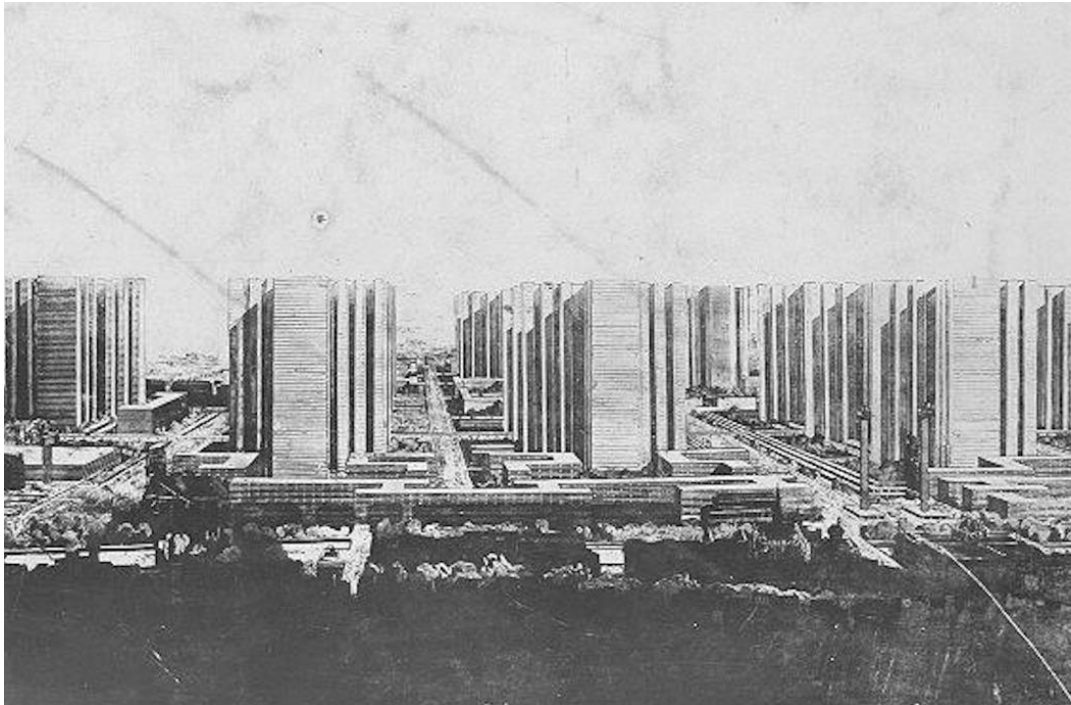
9. Avenida de Gobelins do plano de Georges Haussman, Paris, entre 1864

No princípio do século XX, surgem as abordagens mais extremistas sobre o modo de projetar a cidade, através da aplicação de um princípio de *tábua rasa*, em que a vontade de ruptura com as tradições da história e de utilização de inovações técnicas da industrialização, como o sistema de produção em série, influenciaram o novo modo de construir as cidades. Um dos exemplos mais marcantes desta abordagem que foi determinante para a definição dos princípios da cidade moderna, é o projeto urbanístico proposto para Paris em 1925 por Le Corbusier - o Plano Voisin, que previa a destruição do centro medieval de Paris para a construção de um centro de escritórios em torres isoladas, com as habitações para a classe alta a situarem-se no seu entorno e as habitações para classe baixa na periferia da mesma.

Em 1933, com o CIAM IV³, a cidade moderna passa a ser definida pelos princípios funcionais da Carta de Atenas, consistindo principalmente numa separação das áreas de habitação, trabalho e lazer, com os edifícios sob a forma de torres isoladas colocados em amplas áreas verdes, numa noção de sistema standard e ligados por grandes vias de circulação que funcionavam de modo independente das restantes partes do sistema urbano. Desta forma, a realidade da nova escala urbana “foi fragmentada em células que eram repetidas como unidades genéricas. Segundo Manfredo Tafuri, *“uma vez que estas células são elementos reprodutíveis ad infinitum, corporizam conceptualmente as estruturas primordiais de uma linha de produção que exclui os velhos conceitos de lugar ou espaço”*.” (Seixas Lopes, 2016: 84)

Neste contexto urbanístico moderno, as ruas e o espaço público perdem assim a função simbólica e social dos lugares da cidade.

³CIAM IV – Congresso Internacional da Arquitetura Moderna que se realizou na cidade de Atenas, com o objetivo de aplicar práticas funcionais da arquitetura moderna na organização da cidade



10. Plano Voisin para Paris, Le Corbusier, 1925

“Throughout the entire history of human habitation, streets and squares had formed focal points and gathering places, but with the advent of functionalism, streets and squares were literally declared unwanted. Instead, they were replaced by roads, paths and endless grass lawns.”

(Gehl, 2011: 45)

Enquanto que nas cidades antigas os edifícios e o espaço público funcionavam como entidades indissociáveis, na cidade moderna estes elementos estabelecem-se como entidades autónomas, onde o traçado viário deixa de ser uma extensão do espaço privado, para passar a servir o movimento da nova escala da cidade. Se “(...)a primeira via mais antiga, privilegiava a continuidade e os espaçamentos; (...)a segunda a mais moderna privilegiou os bairros, os polígonos, as urbanizações... sem dar significado e coerência aos espaços-entre, aos intervalos residuais” (Portas, 1969: 211).

Esta ideia de cidade ligada ao consumo e conduzida por um sistema produtivo assente em métodos industriais repetitivos tendo como ambição aumentar a sua produtividade, provocou tanto a perda da qualidade e unicidade das obras arquitetónicas como descaracterizou a importância do lugar. Foi um período em que “viu-se a indústria a produzir casas, como quem produz carruagens de caminho de ferro, que se distribuía monotonamente na paisagem e serviam para qualquer lugar” (Távora, 1999: 65).

As intensas transformações ocorridas na paisagem da cidade moderna, deram origem a um distúrbio no modo de vida individual e coletivo da sociedade, tendo-se tornado ainda mais visíveis após a segunda guerra mundial em que foi necessário repor os alojamentos destruídos em grande escala, tendo sido então utilizados nesta reconstrução massiva os princípios da cidade moderna.

No filme “As Asas do Desejo” de 1987, dirigido por Wim Wenders, existe uma passagem que descreve de forma muito clara o tipo de espaços vazios e solitários produzidos pela Guerra, mostrando um senhor idoso, que enquanto deambula por Berlim sobre o antigo lugar da Potsdamer Platz, vai procurando na memória os elementos que lhe conferiam identidade e simultaneamente vai descrevendo os sentimentos associados a um lugar que já não existe. No seu monólogo interior, exprime a sua indignação para com o estado da praça, afirmando que aquele espaço não podia ser o lugar cheio de vida que costumava frequentar, onde conversava, bebia café e observava as pessoas depois de fumar um charuto na tabacaria “Loese & Wolf” que tanto apreciava. Por fim encontra uma cadeira (único objeto que se encontrava neste antigo lugar) onde se senta sozinho perguntando-se a si próprio: “*onde estão os meus heróis? Onde estais, meus filhos?*”, demonstrando um sentimento de nostalgia e estado de desorientação neste espaço com o qual não se consegue identificar.

Esta praça, assim como muitos outros lugares, foram transformados, em não – lugares, vazios, melancólicos e solitários, perdendo a capacidade de criar um sentimento de atração e felicidade, transmitindo antes sentimentos de repulsa e antipatia, provocados pela ausência de identidade e caráter (Bachelard 1994).



11. “As Asas do Desejo” (Wim Wenders, 1987)

Esta ideia de espaços vazios e solitários está presente na pintura metafísica de Giorgio de Chirico, de uma forma surreal, através de cores que traduzem melancolia e continuidade de ritmos, em que principalmente na representação das praças italianas, faz de certo modo lembrar a ideia de limite, através da perspectiva, já igualmente representada nas pinturas renascentistas das “Cidades Ideias”, sendo que ao contrário destas, onde está evidenciada uma ideia de ordem e embelezamento típicos daquele período, as praças de Chirico mostram a construção de espaços vazios transmitindo um sentimento de angústia e de nostalgia pelo passado provocando assim uma sensação de ansiedade e de desconforto nestes espaços (Agorafobia).

Na pintura de 1960 que representa uma praça italiana, que tem como plano de fundo uma paisagem difusa e sem limite, em que o sistema de industrialização e de urbanização se sobrepõem às antigas habitações tradicionais, está evidente esta indignação do pintor perante o funcionalismo do moderno e pela aceleração de um mundo invadido pela indústria.

Estas pinturas retratavam de certo modo o problema central do período moderno: a rutura e a relação perdida entre o Passado e o Presente (Seixas Lopes, 2016).



12. Pintura metafísica duma praça Italiana, Giorgio de Chirico, 1960

Os Não-Lugares da cidade contemporânea

“Se ao aterrissar em Trude eu não tivesse lido o nome da cidade escrito num grande letreiro, pensaria ter chegado ao mesmo aeroporto de onde havia partido. Os subúrbios que me fizeram atravessar não eram diferentes dos da cidade anterior, com as mesmas casas amarelinhas e verdinhas. Seguindo as mesmas flechas, andava-se em volta dos mesmos canteiros das mesmas praças. As ruas do centro exibiam mercadorias embalagens rótulos que não variam em nada. Era a primeira vez que eu vinha a Trude, mas já conhecia o hotel em que por acaso me hospedei; já tinha ouvido e dito os mesmos diálogos com os compradores e vendedores de sucata; terminara outros dias iguais àquele olbando através dos mesmos copos os mesmos umbigos ondulantes. Porque vir a Trude, perguntava-me. E sentia vontade de partir.

-Pode partir quando quiser – disseram-me, - mas você chegará a uma outra Trude, igual ponto por ponto; o mundo é recoberto por uma única Trude que não tem começo nem fim, só muda o nome no aeroporto.

(Calvino, 2003: 123)

A cidade, imaginada e narrada pelo personagem Marco Polo no livro *As Cidades Invisíveis*, de Italo Calvino, faz de certo modo lembrar o conceito de cidade genérica reproduzido na contemporaneidade: cidades definidas essencialmente por espaços que não são lugares antropológicos, onde a falta de elementos históricos e simbólicos compõem “um mundo assim prometido à individualidade solitária, à passagem e ao efêmero” (Augé, 2005: 70), não criando identidade singular nem relação social.

Esta ideia de monotonia presente nas cidades atuais reflete-se assim também na vida quotidiana das pessoas.

“Vão a sair dos escritórios, depois de um dia de trabalho; olham para as casas, para os jardins dos largos, com um ar de satisfação; pensam que estão na «sua» cidade, uma «bela urbe burguesa». Não têm medo, sentem-se em sua casa. Nunca viram senão a água domesticada que corre das torneiras, a luz que jorra das lâmpadas, quando se carrega no interruptor, árvores mestiças, 97 197 bastardas, amparadas a espeques. Têm a prova, cem vezes por dia, que tudo se faz por mecanismo, que o mundo obedece a leis fixas e imutáveis. Os corpos abandonados no vazio caem todos à mesma velocidade, o jardim público fecha todos os dias às dezasseis horas no Inverno, às deztoito horas no Verão, o chumbo funde a 335°, o último eléctrico sai às vinte e três horas e cinco do Largo da Câmara Municipal. É gente sossegada, um pouco taciturna; pensa no dia de amanhã, isto é, simplesmente num novo hoje; as cidades só dispõem de um único dia que volta igualzinho todas as manhãs. Aos domingos é que o enfeitam um pouco mais.”

(Jean-Paul Sartre, 1938: 196, 197)

Segundo Marc Augé, estas cidades monótonas e simultaneamente complexas, cresceram de forma desordenada essencialmente a partir de três figuras de excesso: o excesso de acontecimentos, o excesso de espaço e o excesso de individualismo.

O primeiro, mudou de forma dramática a velocidade das construções e a escala das cidades, o seu limite desapareceu e estas tornaram-se infinitas e indistintas: “a cidade compacta, de limites precisos, estilhaça-se num conjunto de fragmentos distintos onde os efeitos de coesão, de continuidade e de legibilidade urbanística, dão lugar a formações territoriais urbanas complexas, territorialmente descontínuas e ocupando territórios cada vez mais alargados”⁴. Este excesso de acontecimentos originou um crescimento rápido e desordenado das cidades, com a ausência de um centro que orienta os seus habitantes, tornando difícil perceber o lugar fundacional da cidade, deixando as pessoas sem afetividade pelos lugares.

O excesso de espaço das cidades contemporâneas foi alvo dos princípios da escala da cidade moderna, com a distância entre os elementos que a constituem a criar uma cidade extensa pensada essencialmente para circular de carro. A intensa progressão dos meios de mobilidade e comunicação, que alterou o conceito de distância-tempo, foi sem dúvida um dos principais fatores que contribuíram para o rápido desenvolvimento do território provocando a desintegração entre o espaço contemporâneo e os lugares antigos, originando a fragmentação do espaço urbano: “neste novo espaço alargado menos reconhecível na forma, porque descontínuo, de escala territorial extensa e fragmentado, as infraestruturas de circulação, as grandes artérias de transporte (auto-estradas, eixos ferroviários, corredores de comunicação, etc.) apresentam-se como os traços mais evidentes deste sistema urbano-territorial complexo”⁵.

Finalmente, o excesso de individualismo, está essencialmente associado ao fenómeno da globalização, em que “a universalidade da cultura, a difusão dos símbolos comuns, o progresso tecnológico e o transporte cada vez mais acessível a grandes distâncias, converte os homens inseridos no nosso modelo de cultura em relativamente mais indiferentes ao ambiente urbano e territorial de origem ou, ao menos, atenua a relação entre ambiente físico e cultura dos grupos sociais” (Gregotti, 2004: 73).

Encontramos hoje na maior parte das cidades por todo o mundo, sociedades essencialmente definidas e moldadas pelo **consumo**, onde o bem privado prevalece sobre o bem público, em que a sociedade já não é pensada como um todo, provocando tanto a perda da *identidade* e *continuidade* do seu espaço, como também a ideia de lugar que anteriormente estava ligada ao coletivo da cidade e ao bem comum da sociedade.

Com a complexidade de elementos que se sobrepõe no território contemporâneo, “as nossas cidades estão a transformar-se em museus (monumentos rebocados, expostos, iluminados, sectores reservados e ruas pedonais), ao mesmo tempo que desvios, auto-estradas, comboios de grande velocidade e vias rápidas nos afastam delas” (Augé, 2005: 66).

4 DOMINGUES, Álvaro – (Sub)úrbios e (sub)urbanos: o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? (Em linha), p. 6

5 Ibid. p.



13. O carro como “protagonista” da cidade. Providence, Luigi Ghirri, 1986

A cidade de Houston no Texas, ilustra um dos tipos de não-lugares muito comum nas cidades contemporâneas alvo deste processo, cujo centro, definido por edifícios empresariais espelhados totalmente genéricos e desprovidos de caráter, incapazes de transmitir qualquer tipo de sentimento, reduzem a arquitetura a um “compromisso” com o funcionalismo, numa abordagem redutora de imagem de rápida apropriação e de consumo, que se reflete nos próprios edifícios quase como uma negação de si próprios e da sua falta de identidade. Estes não-lugares revelam um dos grandes problemas da contemporaneidade: a indiferença para com a relação entre os elementos urbanos.

“the contemporary problem we face of bland buildings that lack the necessary elements for interaction. The development of each building as an entity in itself, often in an attempt to establish a new stylistic mode, tends to repel rather than attract interaction with other buildings.”

(Bacon: 1982: 73)

Neste sentido podemos confirmar que as cidades contemporâneas sofrem cada vez mais um processo ao qual o arquiteto Fernando Távora chama de delapidação, que caracteriza como sendo “um processo de criação de formas desprovidas de eficiência e de beleza, de utilidade e de sentido, de formas sem raízes, verdadeiros nado-mortos que nada acrescentam ao espaço organizado ou perturbam com a sua existência” (Távora, 1999: 26).



14. "Paris Texas" (Wim Wenders, 1984) - Centro de Houston

Um outro exemplo relevante para representar um dos casos mais extremos de não-lugares nas cidades contemporâneas é a metrópole de São Paulo, no Brasil, que cresceu de forma desordenada, através do domínio do capital e a da especulação imobiliária que se sobrepuseram de forma drástica aos benefícios coletivos e ambientais, atribuindo-se valor essencialmente à quantidade em detrimento da qualidade e singularidade, com reflexos evidentes no contraste extremo da qualidade de vida entre o seu centro e periferia. O ponto de origem desta cidade, o Vale do Anhangabaú, lugar privilegiado que definia a particularidade do seu centro foi destruído pelas pressões imobiliárias, onde o antigo parque natural deu lugar a avenidas e a edifícios genéricos que continuam a multiplicar-se de forma aleatória, infinitamente, sobre um horizonte disperso de arranha-céus que não têm a capacidade de transmitir significados simbólicos para quem os frequenta. Tal como a maioria das torres que definem a imagem da paisagem urbana genérica desta cidade, os seus espaços públicos existentes são também essencialmente definidos pelo individualismo extremo dos interesses privados, desconsiderando a experiência sentimental de identificação entre o homem e os lugares, que já não é encarada como um fator essencial para esta cidade.

Esta dispersão sem hierarquia e com despreço pelos edifícios, que está presente nas metrópoles, e a consequente perda de lugares simbólicos associados a lugares de memória e identidade, gera uma rutura na relação afetiva entre os seus habitantes, o ambiente natural e o construído.

“Instead of specific memories, the associations that generic city mobilizes are general memories, memories of memories. If not all memories at the same time, then at least an abstract, taken memory, a déjà vu never ends, generic memory”

((Koolhaas, 1995: 12)



15. Cidade de São Paulo vista do terraço do edifício Copan, 2018 – fotografia do autor

“Hoje todo vigente está igualmente próximo e igualmente distante. Hoje domina e reina a falta de distância. Ora, todo encurtamento e toda supressão dos afastamentos não nos trazem nenhuma proximidade”

(Heidegger, 2012: 155)



16. "Lunch on a Skyscraper", 1932 - fotografia de Charles C. Ebbets

*“Trinta raios, em conjunto,
formam o centro de uma roda.
É precisamente o que nele não existe
que dá utilidade ao veículo.*

*Molda-se o barro para fazer um vaso.
É precisamente o que nele não existe
que dá utilidade ao vaso.*

*Furam-se portas e janelas para fazer uma sala.
É precisamente o que nela não existe
que dá utilidade à sala.*

*Por isso,
O que existe é o que lhe dá valor,
O que não existe é o que as torna úteis.”*

(Lao Tse, Tao Te King, capítulo 11)

Lao Tse afirma que o ser das coisas não reside na matéria que as compõe, mas sim do vazio que estas acolhem, aplica-se também na organização da cidade, em que é o vazio entre os volumes edificados que lhe dá utilidade e confere significado.

Estes vazios que sustentam a cidade, o espaço público, a que podemos chamar *lugares urbanos*, são o resultado da interação entre o ambiente construído e natural, os lugares comuns que determinam a qualidade da vida urbana das sociedades, funcionando como suporte essencial para estruturar o território ligando elementos do seu passado com os do futuro, impulsionando assim o seu desenvolvimento.

Atualmente observa-se uma fragmentação destes lugares, pelo **excesso** de não-lugares que se lhes sobrepõem, estando esta sobreposição diretamente associada ao facto das formas produzidas se constituírem essencialmente como soma de partes não integradas, sendo que “(...) a cidade contemporânea é por definição, contra a natureza e quando a aceita é apenas para demonstrar que pode dominá-la; os contactos com o seu semelhante são episódicos, ocasionais ou forçados porque a cidade esmera-se em ser anti-social e destrói todas as bases de uma vida social harmónica” (Távora, 1999: 34).

O ambiente está assim a ser alvo de grandes pressões devido à constante massificação de construções que se dispersam na paisagem levando a que as complexidades que se geram no espaço urbano contemporâneo provoquem cada vez mais a perda da sua função social, do seu carácter de exclusividade e a capacidade de fomentar o seu desenvolvimento harmonioso, originando uma paisagem genérica, sem identidade, descontínua e fragmentada.

Sendo os *lugares urbanos* elementos privilegiados da cidade, que têm a capacidade de conectar pessoas, organizar e articular os restantes componentes da “fábrica urbana” (Portas, 1969: 211), a relação dialética com os elementos que a definem é assim fundamental para regenerar a sua vida

urbana e conferir-lhe uma estrutura coerente, com sentido e forma, colmatando a complexidade associada ao território contemporâneo.

Neste sentido, é responsabilidade do arquiteto conceber lugares que tenham a capacidade de “(...) interpretar as necessidades culturais e sociais, o modo como a arquitetura se pode adaptar às pessoas, aos sítios, às tecnologias e, do mesmo golpe, agir sobre elas tendo em conta os seus desejos e vontades” (Távora, 1999), tornando-se agradáveis para o ser humano habitar, tanto individualmente, como socialmente.

As formas arquitetónicas devem assim ter a aptidão de gerar *lugares urbanos* onde coexistam em equilíbrio, o domínio e o respeito pela natureza, o espaço público e privado: “(...) trata-se de tirar medidas, de fixar hierarquias internas do lugar que se observa, dos desejos que ela suscita, das tensões que induz” (Siza, 2012: 10).

Para que seja possível este diálogo entres os elementos da cidade, é necessária a consciência de que “o espaço que separa e liga as formas é também forma, é noção fundamental, pois é ela que nos permite ganhar consciência plena de que não há formas isoladas e de que uma relação existe sempre, quer entre as formas que vemos ocuparem o espaço, quer entre elas e o espaço que, embora não vejamos, sabemos constituir forma – negativo ou molde – das formas aparentes” (Távora, 1999, 12). Há que ter presente que aquilo que se deixa por construir é tão importante como o que se constrói.

A compreensão desta realidade contemporânea é assim cada vez mais desafiante, exigindo um pensamento conjunto não apenas de arquitetos e urbanistas, mas de toda a sociedade, de forma a conseguir responder às complexidades do futuro.

“Primarily life is “movement”, and as such it possesses “direction” and “rhythm”. The path is therefore a fundamental existential symbol which concretizes the dimension of time. Sometimes the path leads to a meaningful goal, where the movement is arrested, and time becomes permanent (...). The basic poetry of man-made places is therefore concentration and enclosure, they are “insides” in a full sense, which means that they “gather” what is known”

(Norberg-Schulz, 1991: 56)

Limite

É desta “contenção” e “união” de espaços, de que fala Schulz, que se constroem os lugares, através da relação entre os espaços interiores e exteriores dos edifícios, determinando percursos e áreas de permanência com caráter e qualidades distintos que simbolizam o entendimento do homem relativamente ao meio que o rodeia.

São os *lugares urbanos*, que se apresentam essencialmente como o “esqueleto” da cidade, que estabelecem as relações no espaço ou entre os espaços edificados, através dos diversos limites que definem e contêm os espaços. O limite constitui-se assim como o motivo e significado das próprias formas, em que, como afirma Heidegger, “o limite não é onde uma coisa termina, mas, como os gregos reconheceram, de onde alguma coisa dá início à sua essência” (Heidegger, 2012: 134).

É a forma como este limite é definido que determina não só as relações entre os elementos do espaço contido, como entre esse mesmo espaço e as pessoas que o frequentam. Segundo o geógrafo Yi-Fu Tuan “os objetos que percebemos são proporcionais ao tamanho do nosso corpo, à acuidade e amplitude do nosso aparelho perceptivo e ao propósito (...) nem o muito pequeno nem o muito grande, na vida diária, integram o nosso campo de visão” (Tuan, 1980: 16), com isto para o homem criar uma relação topofílica com o lugar, este “necessita um tamanho compacto, reduzido às necessidades biológicas do homem e às capacidades limitadas dos sentidos”(Ibid: 116). Tal significa que é a percepção da escala dos lugares, definida pelo seu grau de contenção, relação de altura e distanciamento entre os seus limites, bem como a sua relação com a medida do homem (antropomórfico), que lhe permitem estabelecer uma relação visual com o meio, criando assim uma imagem mental do mesmo. Esta capacidade que determinados espaços têm de produzir uma imagem mental a quem os observa, devido à sua qualidade espacial obtida pela clara contenção do espaço, dando-lhes legibilidade,

processo a que o autor Kevin Lynch chama “imaginabilidade”, permite ao observador criar o entendimento perceptivo do lugar, dando-lhe uma sensação de proteção, possibilitando a sua orientação e identificação do meio que percorre.

Esta ideia de limite que provoca densidade no vazio, que o consolida e lhe dá caráter, produzindo no observador a referida imagem mental clara do espaço, a qual lhe permite identificar a sua localização, na cidade atual perdeu-se, em resultado das distâncias aleatórias existentes entre os edifícios genéricos que se constroem de forma acelerada, onde a falta de uma estrutura urbana perceptível origina impasses na sua fluidez e na utilização do seu espaço comum.

A interação que se estabelece entre os *lugares urbanos* e as formas que definem os seus limites é assim determinante para que estes espaços não sejam apenas elementos de transição que dão acesso aos espaços edificados da cidade, mas antes tenham as características que lhes permitam devolver aos indivíduos o caráter urbano e coletivo, criando relações de afinidade com o lugar.

“The absolute awareness of the space an object must occupy in a painting, as well as the space that separates the objects, establish a new astronomy of things attached to the planet by means of the fatal law of gravity. The meticulously accurate and prudently calculated use of surfaces and volumes constitutes the aesthetics of metaphysics”

(Chirico, 1997: 88)

Esta ideia de lugar como contenção de um limite e a preocupação com a distância entre os objetos arquitetónicos e as suas proporções, criando um equilíbrio na relação entres os objetos e os seus vazios, que Chirico aplicou na composição das suas pinturas metafísicas, traduz umas das premissas essenciais associadas ao modo de organizar a estrutura da cidade, pressupondo uma compreensão do espaço como um todo, atendendo tanto à relação das proporções dos limites das obras arquitetónicas, como ao espaço que as separa - *os lugares urbanos*.



17. Clara contenção do espaço. Galeria de Uffizi, Florença, fotografia de Luigi Ghirri, 1991

*“A forma da cidade é sempre a forma de um tempo na cidade;
e existem muitos tempos na forma da cidade”*

(Rossi, 2001: 80)

Memória

Os lugares da cidade são espaços reconhecidos pelos indivíduos através da memória coletiva que se forma ao longo do tempo, sendo que a diferença entre um espaço e um lugar é o significado e o valor que o Homem lhe atribui, considerando as suas características particulares, com as quais constrói um sentimento topofílico. Esta relação que se constrói através da capacidade que o lugar tem de provocar um estímulo no observador, provém dos significados que este lugar vai gerando ao longo do tempo, sendo que “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar” (Tuan, 1980: 114). É este “estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideias.” (Ibid: 129).

Na linha de pensamento de Rossi, a cidade é uma construção no tempo, formada por um conjunto de sobreposições de elementos que compõe os lugares, que se vão transformando segundo as diversas sociedades que a habitam e as respetivas necessidades - “estes contornos dizem respeito à individualidade dos monumentos, da cidade, das construções e, por conseguinte, à individualidade e aos seus limites, onde começa e onde acaba; referem-se à relação local da arquitetura, ao lugar de uma arte e, portanto, às relações e à própria precisão do *locus* como um facto singular determinado pelo espaço e pelo tempo(...) (Rossi, 2001: 157).

A memória funciona assim como a base duma identidade, que se vai desenvolvendo com as vivências experienciadas anteriormente no lugar, pelo que podemos afirmar que a memória dos lugares se constrói com base na memória e identidade dos seus utilizadores, adquirindo estes mesmos lugares a sua identidade através da imaginação das sociedades ao longo do tempo.

Contrariamente, a sociedade contemporânea tem vindo a criar um agregado de cenários desordenados e complexos, que se sobrepõe no território de forma drástica, sem considerar os seus

anteriores, criando situações sem qualquer relação com as preexistências, que por vezes chegam a destruir lugares pela densidade de construção, impedindo a leitura do território.

Esta ideia de lugar associado ao valor da sua história e dos seus acontecimentos passados, evidencia a relevância da observação cuidada das preexistências, de modo a que as sobreposições dos vários tempos se relacionem proporcionando qualidade urbana ao lugar, atribuindo-lhe significado para quem o habita em cada momento temporal específico.

Um exemplo que bem ilustra um tipo de intervenção que soube interpretar e integrar as condições urbanas existentes do lugar é o caso da requalificação projetada pelo arquiteto Eduardo Souto Moura no mercado do bairro Carandá em Braga.

Com o passar do tempo, o lugar sofreu uma forte especulação imobiliária, que originou a asfixia do antigo mercado pelos edifícios ao seu redor e também não chegou a consolidar-se na sua função inicial de mercado, apesar de já então desempenhar uma função importante na circulação da cidade, funcionando como rua e lugar de passagem fazendo a ligação entre dois eixos da cidade.

O pouco dinamismo do local, nos finais dos anos 90, levou a que a Câmara Municipal de Braga decidisse requalificar o mercado e convertê-lo em “mercado cultural”, com a ocupação dos antigos espaços onde se vendiam as frutas e legumes, impulsionando a sua revitalização. Com o projeto de requalificação do arquiteto Souto Moura, inverteu-se a lógica de construção, optando-se por retirar a cobertura de betão original do corpo principal do mercado, concebendo um jardim que serve de rua, de lugar de passagem e de zona de estar, tendo-se mantido os pilares originais como testemunho e memória do antigo mercado.



18. Mercado do Carandá, Braga, Souto Moura, 1984

É de referir aqui também o caso de reabilitação, da autoria do arquiteto Siza Vieira, na zona junto ao Convento do Carmo que ardeu com o incêndio de 1988 no Chiado.

Esta área, que antes do incêndio era ocupada por construções degradadas pertencentes ao posto da GNR, originavam um abafamento do lugar, suprimindo-lhe o seu potencial urbano.

Sendo o Chiado um lugar de charneira na cidade, o desejo de Siza foi assim de devolver esse papel de ligação entre os diversos pontos da cidade, rompendo integralmente com a ideia comum de reconstrução, libertando o espaço onde se situavam as construções anteriores, desenhando um conjunto de percursos distribuídos por três plataformas em rampa e escadas, como forma de vencer os desníveis topográficos, recuperando assim parte do antigo carácter deste lugar. Esta intervenção, permitiu o acesso a um dos pátios do Convento do Carmo (o pátio B), que passou a servir tanto de zona de acesso, nomeadamente entre o Largo do Carmo e a Rua Garret, como permitiu a transformação do lugar num espaço público de lazer valorizando-o e preservando a sua significativa carga histórica patrimonial (citação de Siza Vieira em Machabert, 2009).

Passou assim a ser, simultaneamente, lugar de passagem, espaço de estar, miradouro, varanda e jardim suspenso sobre a cidade, com vista privilegiadas sobre o Rossio e o Castelo de São Jorge.

Esta intervenção chegou a ser criticada pela ausência de construção, no entanto foi este comedimento, respeito e entendimento pelo carácter tradicional do Chiado que definiram a coerência e qualidade do resultado final da intervenção.

Estas intervenções, embora em contextos diferentes, deixam evidente que numa sociedade individualista em que cada vez mais se constrói e massifica segundo uma lógica de consumo e de pressão especulativa, importa ter a capacidade de entender o que é que deve ser preservado e removido, definindo se um lugar necessita de construção ou da ausência da mesma, pois o objetivo da arquitetura é organizar espaços que intensifiquem o sentido do lugar, a sua singularidade e qualidade, conferindo-lhe qualidade espacial e continuidade fluída para o homem o habitar: em muitas situações, o que dá qualidade a um lugar não é a construção, mas sim a falta dela.



19. Convento do Carmo, fotografia do estúdio Horácio Novais



20. Terraços do Carmo e ligação Pedonal entre o Chiado e o Largo do Carmo, Siza Vieira

*“Se falarmos de acessibilidade como valor de democratização urbana,
como não procurar reunir racionalidade da circulação e poética do cotidiano?”*

(Portas, 1969: 140)

Acessibilidade

Os Lugares só o são com a presença e uso das pessoas, sem pessoas não existem lugares, existe apenas espaço.

São os *lugares urbanos*, que estão diretamente associados a um espaço coletivo social com características particulares que, através de um processo contínuo, proporcionam lugares comuns onde as pessoas se podem movimentar e permanecer livremente. Estes lugares, definem a estrutura e a imagem das cidades e conseqüentemente a sua vida social, não se podendo dissociar da sua organização política. Desde o surgimento da polis, que a relação entre a oikos (casa, espaço privado) e a ágora (espaço público) se baseia e materializa na construção política, essencialmente na sua componente democrática. Foi a partir de um regime que valorizava a democracia através da materialização dos vazios das ruas e praças, que a cidade se transformou num lugar socialmente habitável que proporcionava o bem comum, sendo possível a sua liberdade de usos.

Este sistema, estimula a comunicação entre pessoas, comunicação física, a sua interação direta, bem como o aumento de acessibilidade. Estes lugares incentivam a expressão cívica livre, a proximidade com os interesses coletivos e a participação de um conjunto alargado de pessoas – o Lugar do bem-comum ligado à democracia.

Este regime, devido às suas características, foi considerado o mais adequado para acomodar os diversos interesses da sociedade, encontrando-se atualmente fortemente conduzida pelo capitalismo, ligado à ideia de consumo, com os interesses privados a sobreporem-se aos coletivos, com os espaços que era suposto serem deixados vazios para a utilização do coletivo a serem privatizados de forma massificada. Se considerarmos ainda a influencia da tecnologia como meio alternativo de comunicação, criam-se as condições para uma sociedade cada vez mais desvinculada e desintegrada do espaço social da cidade.

Neste sentido, como refere Ricardo Carvalho nas suas conferências “Todos os Lugares”, um dos principais desafios da arquitetura está no desenho do espaço comum, que atualmente é conduzido cada vez mais pela falta de relação entre os edifícios e o seu contexto, pelas diferenças sociais, em que parece já só ser possível entender o território numa dicotomia entre centro e periferia, ricos e pobres, conduzindo assim à despolitização das sociedades, com uma distância crescente do conceito de lugar público da “matriz” grega, em que a função do público e do privado deixaram de estar evidentes, originando uma indiferença para com o espaço urbano.

Perante este cenário, em que cada vez mais se fomenta o bem privado em detrimento do público, separando e dividindo as pessoas, é necessário adotar estratégias que invertam esta lógica, de forma a que o domínio privado não prejudique os interesses públicos, com vista a obter uma sociedade unificada e simultaneamente diversificada.

A Marquise do Parque Ibirapuera, situada na maior área verde de São Paulo, é um elemento arquitetônico que demonstra que a arquitetura pode atuar de modo político, como espaço público, que incorpora os interesses e os direitos das sociedades na utilização e vivência dos espaços.

Inaugurado em 1954 durante a celebração do quarto centenário da capital, este percurso coberto foi desenhado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, tendo sido originalmente concebido para servir de elemento articulador e de ligação com os edifícios culturais do Parque. ⁶

Este elemento coberto, adquiriu não só a sua função inicial de ligação, como se tornou lugar público, de lazer, recreação e entretenimento que dialoga com o urbano e a paisagem, criando um contraste harmonioso entre a sombra da sua cobertura orgânica e a vegetação exterior que a envolve, funciona também como entrada principal do parque, acolhendo e abrigando as pessoas à chegada. Tem ainda a particularidade de permitir que os seus utilizadores se apropriem do espaço livremente, devido à sua indefinição funcional, permitindo-lhes experimentar os espaços de diversas formas, conferindo uma multifuncionalidade de usos que potencia qualquer tipo de acontecimento inesperado. Apresenta-se assim como um vazio coberto, qualificado, um espaço de circulação e de movimento, bem como um espaço de permanência, que valoriza os interesses da população e suporta a fruição dos seus usos, favorecendo a transformação dos hábitos das pessoas que o frequentam.

⁶ Disponível em : <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.070/371>



21. Marquise do Parque Ibirapuera, fotografia de Werner Haberkorn



22. Marquise do Parque Ibirapuera, fotografia de Simone Prates

Outro exemplo não muito distante do anterior, que também se insere no mesmo tema, é o vão livre do salão central da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Cidade Universitária de São Paulo, construído em 1969 por VilaNova Artigas e Carlos Cascaldi. Este amplo vazio de planta livre, que organiza e distribui todo o programa da escola de forma fluída, através de um conjunto de rampas, funciona como uma generosa praça coberta de grelha plana, que produz uma iluminação zenital, que impulsiona as possibilidades de convívio, sociabilidade e comunicação (Ferraz, 1997).

Esta ideia de ausência de uma porta, barreira física entre exterior e interior, foi conduzida pelos ideais democráticos, singularidade que cria um ambiente convidativo e acolhedor, que se estende para o exterior onde se funde com a vegetação, dando ao lugar um caráter público que permite inúmeras possibilidades de experimentar o espaço. A simplicidade deste grande espaço, designado salão-caramelo, tem a capacidade de permitir transformações e alterações nas atividades e nas relações sociais, centrando-se numa ideia de continuidade espacial que dá lugar a uma diversidade de usos e de pessoas.

Estes projetos, deixam evidente a existência de uma responsabilidade, por parte do arquiteto, na conceção de lugares democráticos, através do domínio público e político, que promovam e priorizem o direito ao espaço comum da cidade. Neste sentido as obras devem ter a capacidade de gerar imprevisibilidade e significado, não sendo a definição de um programa rígido o fator principal na composição da obra, mas sim a disponibilidade que esta tem para oferecer aos seus utilizadores uma constante transformação do seu uso e significação com progressiva apropriação ao longo tempo.

Como afirma Portas, “terá de ensaiar-se um novo conceito de estrutura, unificador não pela uniformidade ou repetição, e muito menos pela vontade de forma total, mas como sistema aberto de relações que se concretiza, como aponta Blasi, como hipótese morfológica apenas designável, porque recetiva às contribuições de arquitetura e que só por estas ganha forma desenhável” (Portas, 1969: 189)



23. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, Vilanova Artigas

“(...) we may point out that any place ought to have the “capacity” of receiving different “contents”, naturally within certain limits. A place which is only fitted for one particular purpose would soon become useless”

(Norberg-Schulz, 1991: 18)

Simultaneidade

Sendo a estrutura da cidade definida pela tensão dialética que se estabelece entre os lugares urbanos e as formas arquitetônicas que definem os seus limites, sofrendo alterações ao longo do tempo consoante as necessidades e interesses das várias sociedades que a habitam, é fundamental que a arquitetura inclua o desenho urbano da cidade no seu processo de criação. Deve exprimir a tal banalidade de que fala Siza, uma banalidade que gere significado e diversidade, que permitam ao homem várias apropriações de usos, permitindo-lhe adaptar-se à continuidade das transformações que se originam com o tempo.

Neste sentido, as configurações espaciais produzidas pelas obras arquitetônicas devem ter a capacidade de se adaptar às várias funções permitindo flexibilidade nos seus usos, de forma a que estas não sejam apenas construções, mas simultaneamente ofereçam à cidade espaço público - “trata-se de relações ambíguas, que criam a polivalência de suas conexões e a flexibilidade do seu uso” (Gregotti, 2004: 19).

De acordo com Robert Venturi, numa sociedade definida pela simultaneidade em sentido perverso, a complexidade e contradição da arquitetura têm uma obrigação especial para com o todo:

“(...) its truth must be in its totality or its implications of totality. It must embody the difficult unity of inclusion rather than the easy unity exclusion” (Venturi, 1966: 16)

Esta forma de pensar as partes do sistema urbano como um todo, depende de certo modo da capacidade das obras arquitetônicas incluírem diversas funções, sendo esta diversidade e flexibilidade de usos um dos fenômenos que impulsiona a revitalização do espaço urbano permitindo-lhe manter a sua utilidade.

“We are disciplined in the tradition either-or, and lack the mental agility-to say nothing of the maturity of attitude – which would allow us to indulge in the finer distinctions and the more subtle reservations permitted by the tradition of both-and.” (Ibid: 23)

Esta noção é fundamental, pois faz-nos ter a consciência de que num mundo onde tudo acontece em simultâneo é necessário conseguir-se que os elementos tenham uma certa ambiguidade, criando condições e disponibilidade para acolher as novas imprevisibilidades que futuramente surjam.

Deste modo, os elementos diversos que integram a estrutura da cidade, devem apresentar um caráter híbrido nas suas funções, permitindo novas intervenções e diferentes possibilidades de uso, as quais podem vir a alterar-se no futuro, de forma a que tenham a capacidade de se adaptar ao tempo e ao contexto do lugar. Trata-se de construir lugares singulares, nos tipos de edificação, nos espaços públicos, nos géneros de atividade e no contexto social.

O Museu de Arte de São Paulo (MASP) é um caso que demonstra como um edifício pode dar à cidade um espaço público com características singulares, e não apenas uma construção que contém uma forma e um programa, impondo-se num certo lugar sem acrescentar nada ao mesmo. Este museu, implantado num sítio privilegiado da cidade, no cruzamento entre o eixo da Avenida Paulista e o túnel da Avenida 9 de Julho, era anteriormente um miradouro, prolongamento do parque Trianon que se situa na cota da Avenida Paulista. Para que o edifício não destruísse essa particularidade do lugar, Lina Bo Bardi apresentou uma solução que cria um elemento de exceção nesta paisagem genérica, em alternativa à construção em altura como existe nos restantes edifícios.

O edifício está organizado em duas partes, uma horizontal suspensa, suportada por duas vigas de betão e outra semi-enterrada, envolvida por vegetação. Estas partes do edifício são articuladas pelo vazio deixado à cota da Avenida Paulista, em frente ao jardim Trianon, preservando e realçando a relação visual existente anteriormente à construção entre o jardim e a cidade, que foi intensificada através do lugar coberto criado pelo volume superior que acolhe as pessoas, dando origem a uma praça coberta que complementa o miradouro criado pela cobertura do piso semi-enterrado. Este vazio, tal como no caso dos dois exemplos acima referidos, dá a possibilidade ao utilizador da apropriação livre do espaço, em que é este que ocupa o espaço e não o espaço que se apropria do utilizador, sendo assim um lugar de encontro, espaço aberto que funciona como uma “ágora democrática” incorporando vários eventos, desde feiras, concertos, exposições, cinema ao ar livre e manifestações políticas, entre outros. (Oliveira Olivia, 2002: 60)

A sua configuração espacial constituída pela sua conceção e limites, o modo como se relaciona com a envolvente, criou muito mais que arquitetura, criou um lugar coletivo, numa zona da cidade escassa em lugares urbanos.



24. Museu de Arte de São Paulo, fotografia de Leonardo Finotti



25. Cobertura do MASP, fotografia de Leonardo Finotti

Também ilustrando de forma evidente esta particularidade de um edifício desempenhar muito mais que uma construção, salienta-se a obra da Sede e Parque da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. Este edifício, implantado no lugar do antigo Parque de Santa Gertrudes, escolhido pela sua localização privilegiada e acessos, nomeadamente dois dos eixos estruturantes da Avenida de Berna e a António Augusto de Aguiar, foi construído a pedido e como homenagem de Calouste Gulbenkian, e com a finalidade de promover a arte, a ciência e o ensino.

Esta obra foi concebida na sequência de um concurso que decorreu em 1961, em que participaram três equipas, tendo sido selecionado o projeto dos arquitetos Ruy de Athouguia, Pedro Cid e Alberto Pessoa, essencialmente pela capacidade de compreender as particularidades do lugar preexistente, respeitando-o e identificando as suas potencialidades. Neste projeto, concluído em 1969, o parque e o edifício surgem assim como partes indissociáveis, com a obra a atingir o ponto de equilíbrio entre o íntimo e o público, em que a organização dos espaços interiores se valoriza pela relação de continuidade com a mancha verde do jardim exterior. É de salientar ainda a opção de desenvolver o edifício à superfície, horizontalmente, e não em altura, estabelecendo uma fluída e ordenada relação entre os diversos volumes e a envolvente, o que permitiu a resolução prática e eficaz do complexo e extenso objetivo que se pretendia para este edifício.

A condicionante topográfica foi determinante para a relação que se estabeleceu entre o edifício e o elemento natural do parque, tendo sido a partir da sua morfologia (depressão existente), que se construiu um amplo piso subterrâneo, cuja cobertura ajardinada foi um “elemento chave” na conceção desta relação de equilíbrio e harmonia entre o edifício e envolvente. A vegetação e a construção fudem-se, sendo o edifício uma extensão do próprio parque e vice-versa, através de uma relação simbiótica, onde grande parte da área de construção se apresenta como um jardim suspenso.

A construção das coberturas ajardinadas dos corpos mais baixos que servem de zona percorível, fazendo uma ligação subtil entre o edifício construído e o ambiente natural, foi apenas possível devido aos conhecimentos técnicos e inovadores (para aquela época) dos arquitetos paisagistas António Viana Barreto e Gonçalo Ribeiro Telles, que tiveram um papel determinante em todo o desenho do parque (Carapinha, 2006).

Nesta medida, “o Parque não foi entendido, nesta proposta, como o que era exterior à arquitetura, mas sim como sua continuidade formal, funcional e estética. Não foi entendido, também como um suporte onde assentava a arquitetura, mas como algo que construía a arquitetura” (Ibid, 2006)

É esta relação íntima que se estabelece entre os elementos constituintes de um lugar, e simultaneamente a sua função programática, em determinado contexto temporal (presentes em ambas as obras referidas anteriormente), que a arquitetura deve valorizar como forma de integrar as transformações e garantir a sua permanência contínua em momentos posteriores.

Podemos assim afirmar, que a arquitetura não pode ser uma mera construção estética, funcional e genérica, tem que gerar significado, e se possível uma certa ambiguidade no que toca à imprevisibilidade e ao inesperado no futuro.



26. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa,
fotografia do Estúdio Horácio Novais, pós 1969



27. Senhor a ler o jornal no Jardim da Sede Calouste Gulbenkian,
fotografia de Pedro Ribeiro Simões

“The plan does not begin nor end with the space he (the architect) has developed, but from the adjoining delicate ground sculpture it stretches beyond to the rolling contours and vegetation of the surrounding land and continues farther out to the distant hills” - Louis Kahn

(Merril, 2010: 179)

Continuidade

Como sabemos, os lugares são o resultado de um processo construído ao longo do tempo, que combina a intervenção humana com o ambiente natural. Esta relação que se estabelece entre os elementos naturais e edificados, surge do modo como o Homem, através das formas arquitetónicas interage com a circunstância das preexistências. Considerando que as formas, para além de serem condicionadas pela circunstância, são também condicionantes, devem melhorar a circunstância e não serem implantadas com uma atitude individualista sobre o lugar, pois “(...) não existe um monumento imponente na cidade sem a continuidade anónima de múltiplas construções. Trata-se de aspetos qualitativos complementares” (Siza, 2012: 97).

Esta complementaridade entre as construções da cidade, o espaço urbano e o ambiente natural é determinante para a continuidade e desenvolvimento da sua estrutura, pelo que “trata-se de configurar, construir um ambiente homogéneo, coordenado, contínuo, que seja capaz de se apresentar com a coerência de uma paisagem” (Rossi, 2001: 171). Para isso, a arquitetura deve ter em consideração as relações topográficas, de proporção e escala da envolvente e, principalmente “tem de exprimir então uma grande contenção, ou uma disponibilidade para qualquer relação(...) e uma espécie de banalidade. Esta palavra, banalidade, tem um significado ambíguo. Neste caso utilizo-a não para dizer sem interesse, sem qualidade, mas sim no sentido da disponibilidade para a continuidade” (Siza, 2012: 135).

A escassez de urbanidade que se gerou nas cidades, fez com que se tenha vindo a perder cada vez mais a imagem “da continuidade da natureza em relação às cidades(...)”(Ibid), em que a atitude de indiferença pela circunstância devido a pressões dos interesses económicos, origina situações desconexas e descontinuidades no território, que não só prejudicam o homem como o meio ambiente. Considerando a circunstância de um território que se encontra numa mutação cada vez mais rápida e alargada, é pertinente “olhar” o espaço urbano da cidade como uma oportunidade de criar lugares que recuperem e permitam novas relações de continuidade entre os elementos construídos e a natureza.

Uma das estratégias a adotar poderá ser a regeneração urbana de certos lugares que foram esquecidos e desintegrados do tecido urbano, em que a qualificação dos vazios da cidade surge como uma oportunidade destes funcionarem como integradores entre o contruído e o natural, tornando possível a articulação entre lugares de experiências passadas e futuras, integrando o meio e as pessoas, valorizando o bem-estar social e natural, dando continuidade e harmonia ao território.

Deve assim identificar-se, nestas áreas esquecidas e desintegradas da cidade, as potencialidades dos Não-Lugares, como oportunidade de os transformar em Lugares habitados, criando assim espaços que não só liguem o tecido urbano e promovam o desenvolvimento do território, como criem uma proximidade entre o ambiente natural, os habitantes e a sua cidade.

O caso de regeneração urbana da linha férrea do High Line de Nova York, que se transformou num parque linear, é um exemplo de que certas áreas esquecidas e desqualificadas da cidade podem-se transformar num elemento integrante e impulsionador na continuidade e organização da estrutura urbana. Esta linha férrea, que se encontrava desativada desde 1980, onde crescia vegetação selvagem que cobria toda a faixa da linha, tendo sido quase totalmente demolida a pedido da Prefeitura de Nova York devido à sua perda de função inicial de transporte de cargas para servir o distrito industrial de Chelsea em Manhattan, suscitou interesse por uma comunidade local de moradores, que criaram uma campanha de forma a evitar a sua demolição, apoiando a sua revitalização e transformação em parque urbano.

O papel ativo e incentivador por parte da sociedade residente perante este projeto, fez com que, no ano 2000, esta proposta fosse defendida pela prefeitura, que reaproveitou a estrutura desta ruína pós-industrial, integrando a vegetação selvagem que ao longo do tempo crescera de modo livre.

A regeneração urbana desta estrutura, transformou esta zona da cidade num espaço público que era escasso em áreas livres e de lazer devido à massa construída dos prédios, criando um lugar agradável, com um jardim suspenso e equipamento urbano, promovendo deste modo o bem-estar da população e a sua proximidade com a sua cidade, oferecendo aos seus habitantes um lugar de passeio e de convívio, que fomenta a circulação, a acessibilidade e a sociabilidade de diversos grupos sociais, bem como a contemplação através das vistas panorâmicas sobre a cidade.

Esta adaptação da estrutura industrial a uma estrutura sustentável, exemplifica como um Não-Lugar se pode transformar num Lugar e de como uma estrutura que aparentava ser obsoleta e irreversível, passou a fazer parte da identidade cultural dos seus habitantes, oferecendo um modo peculiar de experimentar a cidade, impulsionando o seu movimento, trazendo novas pessoas e novos pontos de encontro, fomentando assim o desenvolvimento e a continuidade do lugar.



28. High Line, Nova York, antes da intervenção, fotografia de Joel Sternfeld, 2001



29. High Line, Nova York, após intervenção, fotografia de Anita Ng

“Nós dependemos de um sistema de civilização e de cultura que tem dois subsistemas: um edificado e construído com materiais inertes e outro, também fruto de uma conceção, mas com materiais vivos (...) o ideal seria uma situação em que estes dois subsistemas funcionassem de forma harmoniosa(...)”

(Ribeiro Telles, 2005: 16)

Sobre o tema da continuidade, é ainda de referir o pensamento do Arquiteto Paisagista, Ecologista e Político, Gonçalo Ribeiro Telles, nomeadamente a especial importância que este dá ao espaço não edificado da cidade, defendendo que os espaços verdes da cidade devem estar conectados entre si, conseguindo que a natureza faça parte integrante da malha urbana, permitindo trabalhar o lugar numa perspetiva de continuidade.

Esta ideia, materializada no seu projeto intitulado de Corredor Verde, que liga o centro de Lisboa ao pulmão da cidade – Monsanto, assentando num conceito de estrutura natural contínua (Continuum Naturale) composto por um conjunto de espaços verdes que conduzem de forma fluída o espaço natural para o interior da cidade, através de passadiço, isolado do trânsito automóvel da cidade, percurso que inclui, jardins, largos, pontes de atravessamento, parques hortícolas, searas, quiosques, equipamentos urbanos de manutenção física, jardins infantis, um skate parque e miradouros, que no seu conjunto promovem a qualidade urbana e ambiental. ⁷

⁷ Câmara Municipal de Lisboa – CORREDOR VERDE DE LISBOA.

Disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/viver/ambiente/corredores-verdes/monsanto>

Este contexto, que dá importância significativa à requalificação do espaço não edificado da cidade lançou as bases para definir estratégias que valorizem a natureza e os ecossistemas e que integram o caráter do lugar, não só para a área central da cidade de Lisboa como para muitas outras áreas descentralizadas, onde este conceito deverá e já está nalguns casos a ser aplicado, nomeadamente em percursos ao longo de linhas de água, elementos estruturantes do território, protegendo e promovendo a regeneração urbana, preservando a sua identidade paisagística e cultural, como é o caso do projeto do Eixo Verde e Azul, proposta presente no plano diretor municipal (PDM) de Oeiras que tenciona requalificar a ribeira de Carenque e do Rio Jamor, desde a nascente da Serra da Carregueira, percorrendo Belas e Queluz até a Foz na Cruz Quebrada, fortalecendo assim a ligação entre os três concelhos através do avanço da vegetação da serra sobre o tecido urbano e da forte relação entre espaços significantes da cidade.

Estas estratégias que visam promover a presença do ambiente natural no espaço público da cidade e ainda integrar os espaços verdes com os edifícios, é essencial para a organização concertada da estrutura urbana de um território cada vez mais alargado, denso e complexo, quer em termos de acessibilidade e conforto da população, como da promoção da vivência e da proximidade aos lugares, em termos benéfico para o ambiente, valorizando assim a socialidade e a imagem da cidade e recuperando antigas relações de continuidade.

“A estratégia não pode ser a de abandonar a requalificação da cidade herdada e dos seus espaços mais centrais mas antes a de favorecer ou reforçar centralidades e amenidades periféricas complementares para fazer cidade fora da cidade – com formas que serão diferentes porque os processos urbanísticos e os modos de vida o são também”

(Portas, 2005: 119)

- “ 1. - *Ó tu que habitas Alcabideche, não te faltará o grão nem escassez de cebolas, nem de abóboras!*
2. - *Se és homem enérgico não te faltará a nora Das nuvens, sem necessidade de mananciais.*
3. - *pois a terra de Alcabideche, quando o ano é bom, não produz mais que vinte cargas de cereais,*
4. - *e se der alguma coisa mais, chegam as manadas de javalis reiteradamente.*
5. - *Há pouca coisa útil nesta terra, como em mim próprio que sou duro de ouvido.*
6. - *Deixei os reis cobertos com os seus mantos, deixei de ir em seus cortejos.*
7. - *Converti-me em Alcabideche em colbedor de espinhos com uma foice guarneçada e afiada.*
8. - *E se me perguntam: Gostas? Respondo-lhes: “O amor à liberdade faz parte do caráter nobre”.*
9. - *O apreço e os benefícios de Abu Bakr al-Muzaffar conduziram-me até aqui, à minha morada.”*

(Rubiera Mata, 1993: 28)

O concelho de Cascais, composto pelas freguesias de Alcabideche, São Domingues de Rana, Estoril, Cascais, Parede e Carcavelos, é delimitado por Sintra, Oeiras e o Oceano atlântico, sendo constituído por um conjunto colinas e vales pouco salientes que ligam a serra ao mar, distinguindo-se assim pela sua localização, pela existência de praias ao longo da costa, num enquadramento de proximidade ao centro de Lisboa, servido por infraestruturas de transporte consolidadas.

Carcavelos, uma das freguesias pertencentes ao concelho de Cascais, era essencialmente definida, tal como as suas restantes freguesias, pela sua extensão rural cuja principal atividade económica e cultural, a agricultura, era praticada nas propriedades das quintas e possível através do abastecimento de água proporcionado pelas ribeiras e cursos de água, que igualmente facilitava a criação de gado que servia de alimento e para transporte de mercadorias. É ainda hoje visível desta atividade agrícola, a produção do vinho de Carcavelos que faz parte da cultura deste lugar. (Miranda Cardoso, 1988)

A economia de subsistência que se praticava neste concelho, foi alterada de forma significativa com a construção da linha férrea nos finais do século XIX, que passou a ligar o Concelho ao centro de Lisboa, tornando-se um dos principais motores de desenvolvimento da região.

Com a melhoria da mobilidade, a proximidade ao litoral da maior praia urbana do concelho, este local tornou-se um ponto de atração e de interesse turístico, originando a substituição da atividade agrícola pela construção, o que fez com que esta localidade iniciasse um crescimento acelerado, modificando assim o ambiente e o modo de vida das pessoas.



30. Estação do Caminho de Ferro, Carcavelos, autor e data incertas

Este crescimento foi ainda fortalecido com a venda, em 1866, de uma das principais quintas da freguesia, a quinta Nova de Santo António, à colónia inglesa *Eastern Telegraph Company* para a implantação do cabo telegráfico submarino criando novas ligações com o meio exterior e originando a forte presença de ingleses no concelho. Nesta quinta foi ainda criada a escola St Julians para os filhos dos funcionários com unidades desportivas, nomeadamente campos de futebol, e um hospital privativo. (Miranda Cardoso, 1988)

Originalmente, esta quinta estendia-se desde o centro histórico de Carcavelos até à praia, mas esta ligação foi interrompida com a construção da linha férrea e, mais tarde, por volta de 1943, pela construção da Avenida Marginal, que rapidamente se transformou no eixo fundamental de ligação do Concelho.

Estas infraestruturas de transporte, assim como a estrada N6-7, construção adjacente à Ribeira de Sassoeiros que fez com que grande parte da sua extensão fosse interrompida, embora tenham tido um papel determinante no desenvolvimento não só da freguesia como de todo o concelho, apresentam um carácter ambíguo: se por um lado funcionam como elementos estruturantes que têm como função ligar o território alargado, por outro criam impasses e descontinuidades nos lugares urbanos, destruindo muitas das vezes a sua identidade.



31. Estrada Marginal, após inauguração, 1960, Estúdio Mário Novais



32. Fotografia área de Carcavelos

A local de intervenção do projeto, situada no local do atual mercado de Carcavelos, é um dos exemplos mais evidentes na zona, da sobreposição de não-lugares, em resultado de alterações drásticas ocorridas em consequência do rápido crescimento urbano. Situada no local onde a linha férrea interceta a Ribeira de Sassoeiros, inclui a zona do mercado, que foi construído por volta de 1940 pelo arquiteto Jorge Segurado, bem como o recinto onde se realiza todas as quintas-feiras o evento da feira de Carcavelos, de pavimento de asfalto que nos restantes dias da semana funciona como parque de estacionamento. Este evento já acontece há largos anos (anteriormente a 1999 ocorria ao longo das ruas da freguesia), fazendo parte da tradição daquele lugar e reunindo assim com regularidade inúmeras pessoas de diferentes origens.

Esta local, apesar da sua localização privilegiada, com proximidade ao centro de Carcavelos e à estação de comboios, da sua área generosa, e relativa proximidade à praia, embora funcione como ponto de encontro regular, encontra-se de alguma forma desintegrada do tecido urbano com um espaço fragmentado e de pouca qualidade ambiental, não propício à sociabilidade, nem agradável para permanecer.

Foi o potencial do local com todas as características positivas de enquadramento referidas que levou à vontade de desenvolver um projeto que pudesse devolver o caráter urbano aquele espaço transformando-o num lugar.



33. Rua 5 de Outubro, onde se realizava o mercado no início do século XX



34. Recinto da zona de mercado, atualmente. Fotografia do autor.

A proposta deste trabalho, procura assim recuperar o sentido perdido de ligação que existia entre este lugar antes da construção da linha férrea e da estrada N6-7, altura em que era possível fazer um percurso desde o centro histórico da freguesia até à praia, ao longo do curso da ribeira.

O projeto para este local passa por requalificar o espaço não edificado junto do curso de água, entre a zona do mercado e da praia, correspondente ao limite original da Quinta Nova. Pretende-se identificar e intensificar as qualidades desta área desintegrada da malha urbana, construindo um lugar que promova a continuidade urbana do território integrando o espaço verde ao longo do curso de água da ribeira com o espaço público e edificado, de forma a criar uma proximidade entre as componentes ambiental e social.

Considerando a situação atual deste território, que evidencia as características levantadas no capítulo anterior, nomeadamente o efeito da mutação cada vez mais acelerada e complexa e o seu impacto negativo que afeta e prejudica a vida urbana do território, é essencial que estes espaços não sejam apenas elementos que ligam o território numa escala alargada, mas que tenham também a capacidade de ligar o que está próximo, dando continuidade aos lugares urbanos.

Neste sentido foi necessário repensar a linha férrea - o não lugar, que cria o maior impasse neste percurso, como oportunidade de regenerar a vida urbana do lugar.



35. Linha Férrea. Fotografia do autor, 2019

A intervenção, parte da ideia de criar uma ligação pedonal entre a zona norte e sul da linha férrea, de forma a que o recinto da feira se possa estender para a zona sul devolvendo assim a proximidade entre este espaço e o parque da Quinta Nova. Assim, propõe-se uma passagem, por baixo da linha, contígua à ribeira, permitindo o seu atravessamento, criando uma unidade entre o recinto norte e sul da linha.

Para integrar a infraestrutura férrea, que se encontra a uma cota elevada a 5 metros dos recintos, optou-se por criar um percurso em rampas que em ambos os lados partem da cota superior adjacente aos limites da infraestrutura, permitindo melhorar a acessibilidade. Estas rampas, ao atingirem a meia cota, transformam-se em coberturas que delimitam um dos lados de ambos os recintos.

Projetou-se um conjunto de coberturas de dimensão e posição distintas as quais, em conjunto com a vegetação, têm como objetivo criar um limite de proporções equilibradas tanto à escala do lugar como das pessoas, permitindo converter os recintos em praças. Desta forma cumpre-se o propósito de dar apoio aos eventos que atualmente já se realizam, nomeadamente o mercado e a feira, permitindo que as pessoas se apropriem de forma livre do espaço agora também coberto, podendo ampliar o seu uso conferindo-lhe uma flexibilidade associada à sua indefinição programática que permite uma maior abrangência na sua utilização e capacidade de adequação às transformações futuras

Com esta sucessão de praças definidas pelas coberturas polivalentes, procurou-se criar um percurso com início no mercado e continuidade ao longo da ribeira, tendo como destino final a praia, exercendo a função quer de espaço de passagem como de permanência, onde se pode experienciar a ribeira e o seu enquadramento de diversas formas conferindo-lhe continuidade e uma utilização aprazível dos espaços, trazendo vida ao lugar.

Ao criar um parque de estacionamento subterrâneo sob as praças, procurou-se libertar o recinto da feira do seu asfalto, alterando-o para um pavimento de caráter mais urbano e confortável, de pedra granítica com apontamentos em basalto, criando uma referência destinada a orientar os feirantes quando às zonas de colocação das suas tendas e carros em dias de feira.

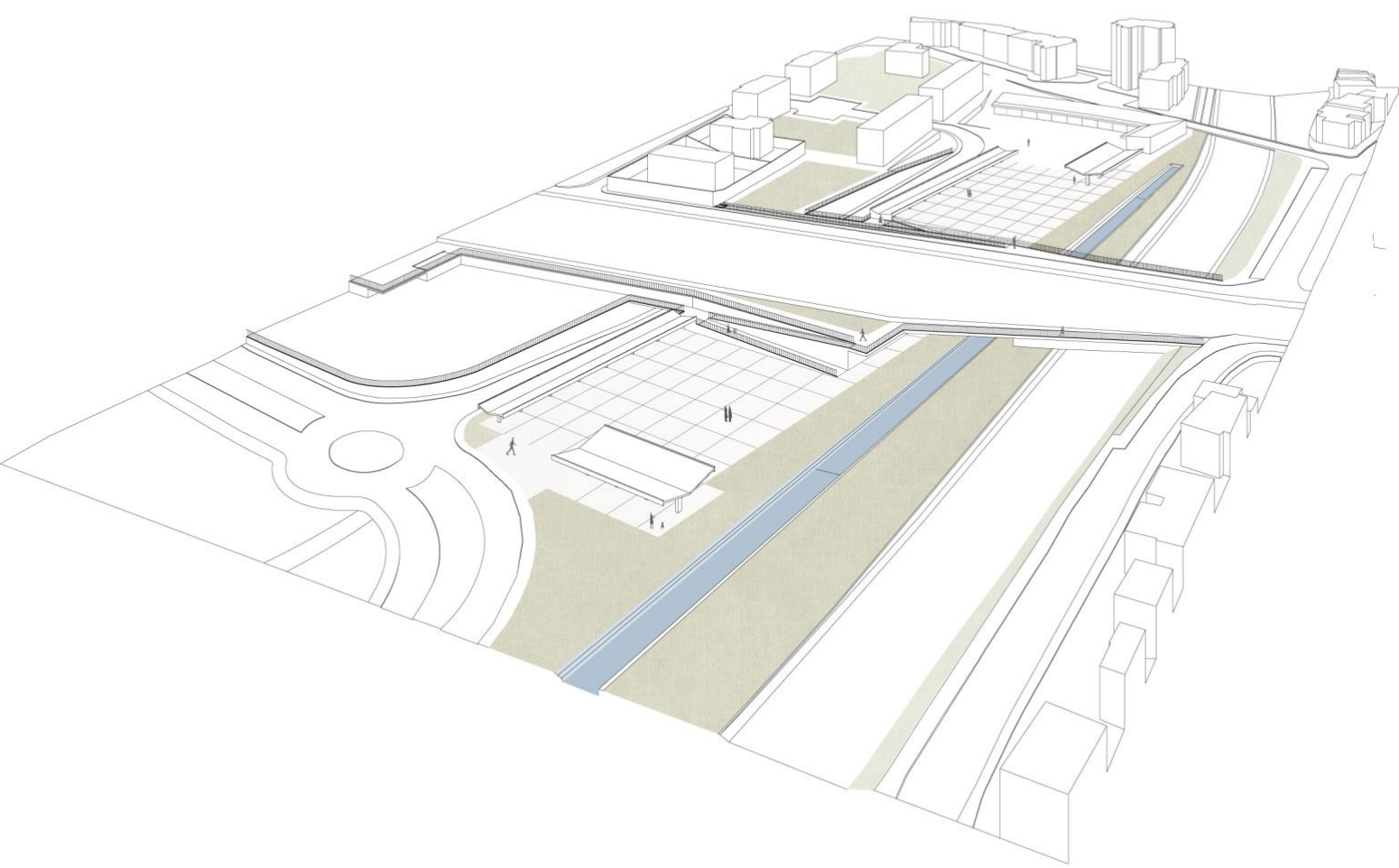
Esta proposta visa assim não só melhorar os acessos circundantes da zona, como também criar um lugar público qualificado que seja adaptável a diversos eventos, permitindo que os seus utilizadores possam tirar partido de diversos contextos, dando-lhe um caráter mais urbano e criando assim uma relação de empatia com o lugar.

O Projeto

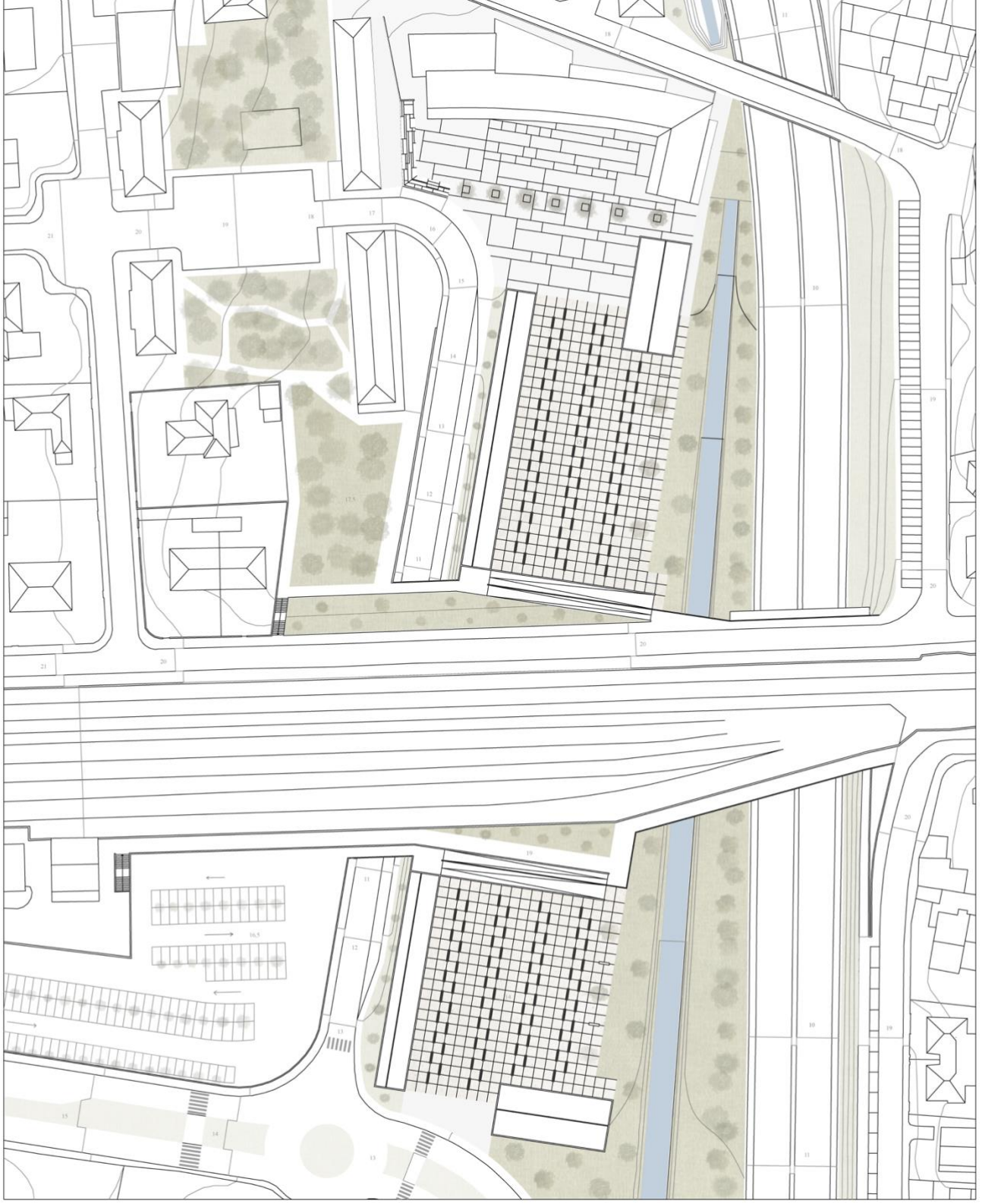
Ortophoto da área de intervenção



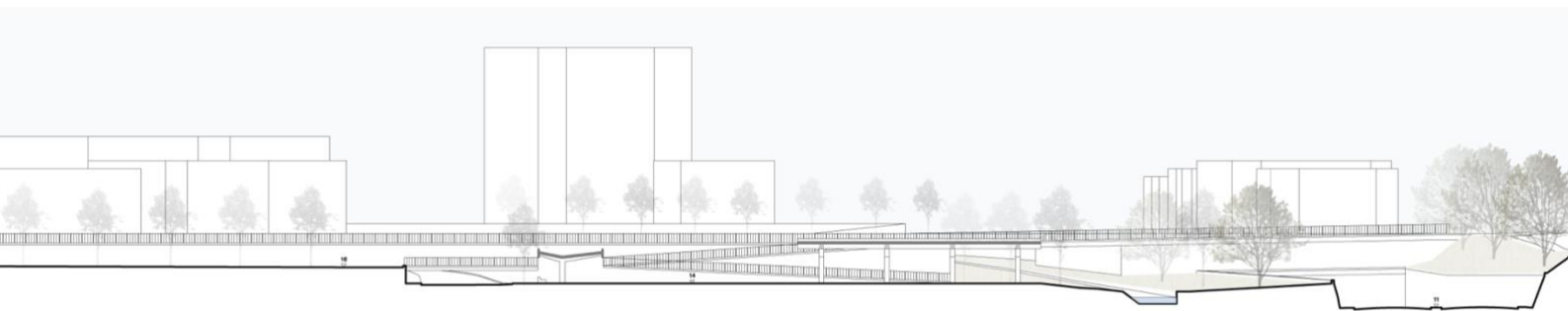
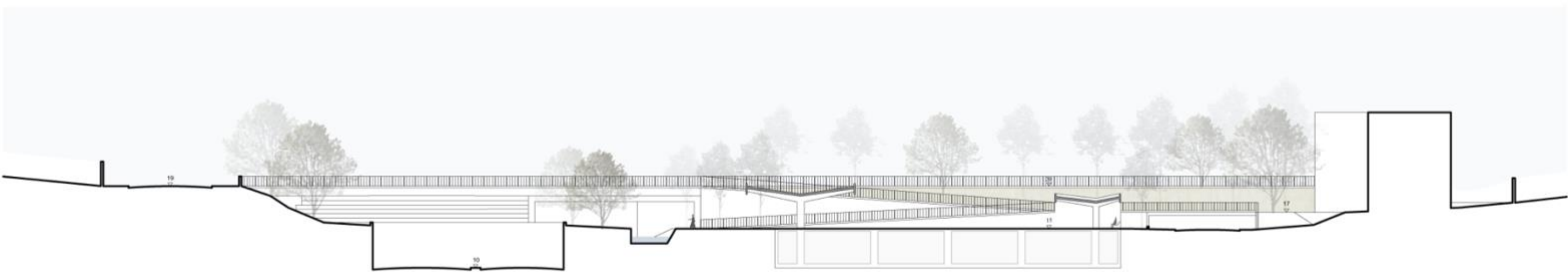
Ilustração aérea do projeto



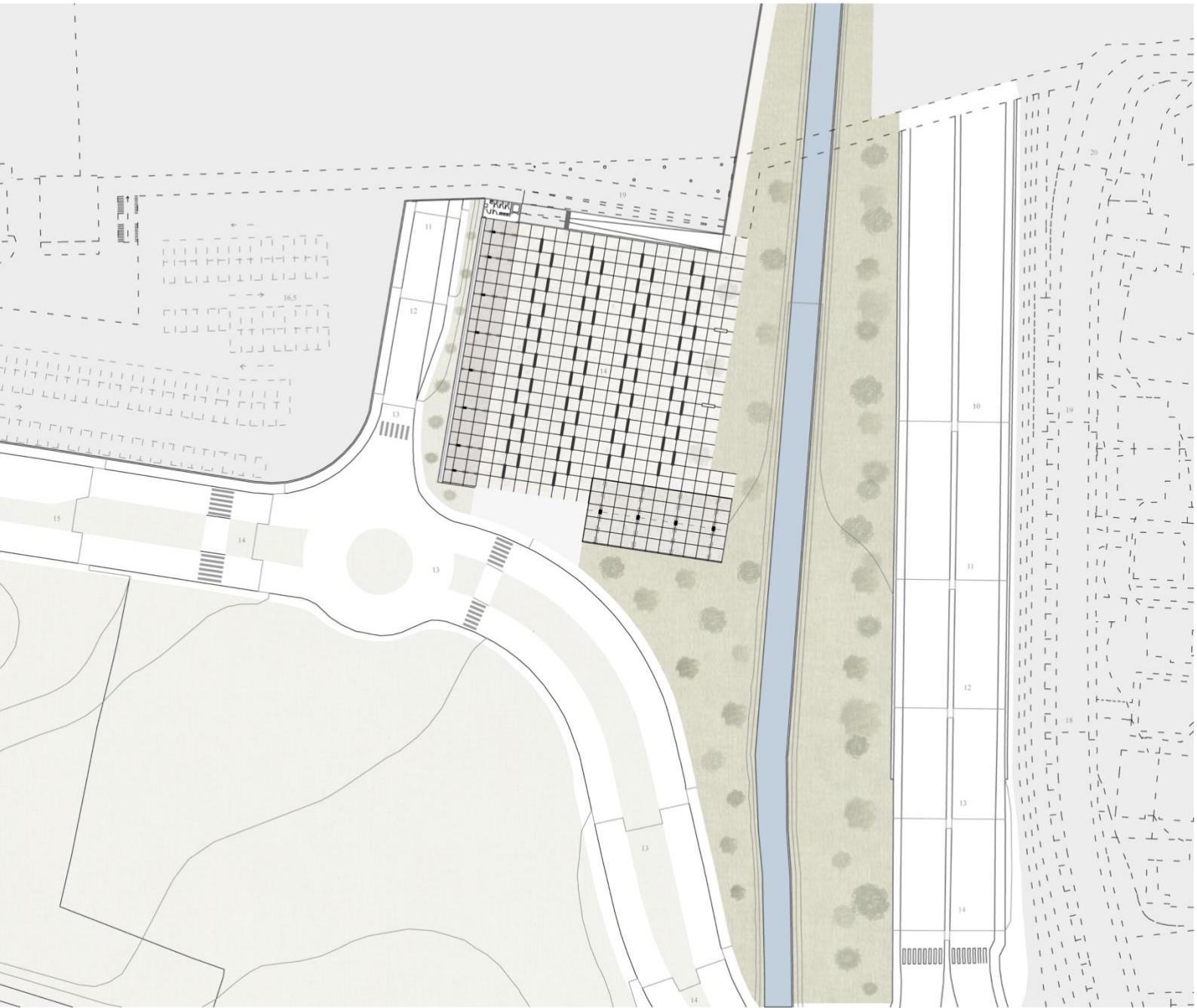
Planta de cobertura (redução da escala 1:500)



Cortes do projeto (redução da escala 1:500)



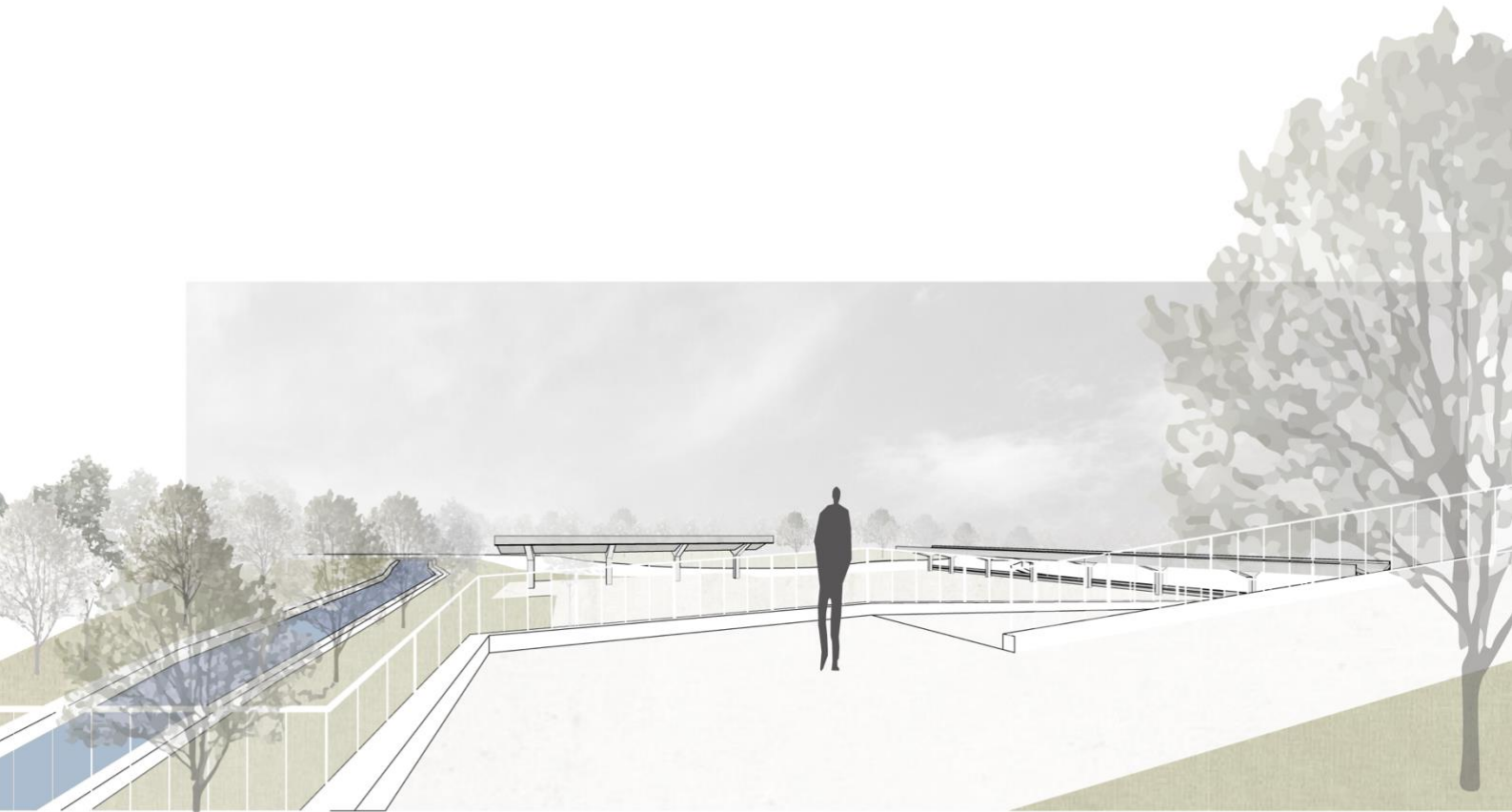
Planta da praça lado sul da linha férrea. (planta cota 16, redução da escala 1500)



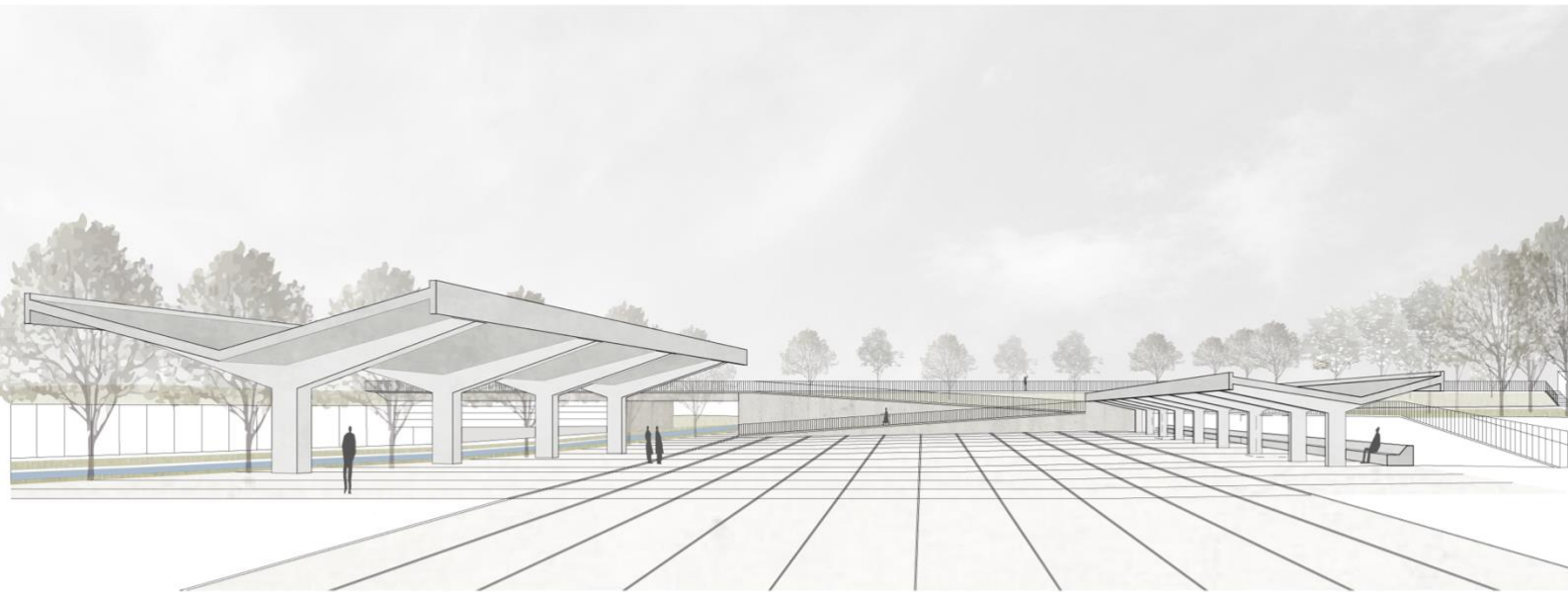
Planta da praça lado norte da linha férrea. (planta cota 16, redução da escala 1500)



Perpetiva do lado sul da linha férrea



Perspetiva do lado norte da linha férrea



Considerações Finais

A escala do espaço urbano alterou-se de forma drástica nas últimas décadas, tanto nas formas complexas que foram sendo geradas como na aceleração temporal que ocorreu, tendo levado a que os lugares em que o homem desenvolve as suas atividades quotidianas passaram a estar cada vez mais desvinculados da relação de empatia e conforto e desenquadrados do meio em que se inserem resultando numa expressiva quantidade de não-lugares monótonos, que transformam a paisagem de forma genérica.

Embora admitindo que as cidades atuais necessitam de não-lugares, quer na sua componente não-simbólica quer funcional, para se desenvolverem, a sua ocupação descontrolada e massiva, que se sobrepõe de forma excessiva aos lugares da cidade, retira-lhe as suas particularidades e a identidade que a caracteriza.

O Território de Cascais mostra de forma evidente estes fatores de sobreposição, num território que cresceu consideravelmente ao nível das infraestruturas de transporte, como a linha férrea e a marginal, mas que se sobrepuseram de forma drástica naquele lugar, eliminando uma parte considerável dos seus traços identitários. Com a análise deste território, foi possível constatar a existência de uma necessidade pertinente de repensar estes não-lugares como oportunidade de proceder á sua integração no espaço urbano, concebendo e construindo lugares que integrem de forma harmoniosa, o meio natural, o edificado e as pessoas.

Com toda a complexidade de fluxos que se sobrepõe no território, é cada vez mais relevante conseguir integrar estes conjunto de elementos no meio territorial, devolvendo-lhe um equilíbrio entre lugares e não-lugares que permita que o espaço urbano possa dar continuidade ao tecido urbano e servir o movimento e a dinâmica dos seus utilizadores.

Sendo o espaço não edificado da cidade aquele que mais se ressentem com estas constantes mutações no território, há que olhar com a maior atenção e seriedade para aquilo que se deixa por construir. Neste contexto, a qualificação daquele espaço e a sua regeneração urbana é determinante para o bom funcionamento da cidade, pois sendo o espaço urbano “o esqueleto” da malha urbana que liga o território, torna-se fundamental para a organização do território contemporâneo, pensar o espaço público em simultâneo com o espaço edificado, o ambiente natural e os não-lugares, existindo assim uma responsabilidade acrescida por parte do arquiteto, mas também dos urbanistas e engenheiros de forma que, com base no seu conhecimento, consigam articular-se de forma a integrar as pessoas na escala e complexidade da contemporaneidade.

Construir lugares acessíveis e que tenham a capacidade de permitir diferentes ocupações e de se adaptar às necessidades das pessoas, às imprevisibilidades do futuro, ligando assim o tempo e o espaço através do uso e apropriação que as pessoas dão a esses mesmos lugares, deverá ser o propósito de qualquer projeto.

Referências Bibliográficas

AUGÉ, Marc (1992, Non-lieux, introduction a une antropologie de la surmodernité) *Não Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade*, 90 Graus Editora, Lisboa, 2005.

BACHELARD, Gaston (1958), *The Poetics of Space*; Boston: Beacon Press, 1994

BACON, Edmund N. (1967), *Design of Cities*, Thames and Hudson, London, 1982

CALVINO, Italo (1972, *Le città invisibili*) *As cidades invisíveis* 2003, Rio de Janeiro: Globo

CARAPINHA, Aurora, **TREIB**, Marc – *O Jardim: Fundação Calouste Gulbenkian*. Lisboa: Serviços Centrais, 2006

CHIRICO, Giorgio, 1997, *Il meccanismo del pensiero – Critica, polemica, autobiografia (1911-1943)*. Milano: Einaudi

DLP, 2002. (“Lugar”), *Dicionário de Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora

ELIOT, T.S, *Four Quartets – (Little Gidding)*. Londres: Faber & Faber; Main edition, May 2001.

FERRAZ, Marcelo. *Vila Nova Artigas. Instituto Lina Bo Bardi*. Fundação Vilanova Artigas, São Paulo, 1997

GEHL, Jan, *Life Between Buildings - Using Public Space*, Washington: Island Press 2011.

GREGOTTI, Vittorio (1972). *Território da Arquitectura*, S.Paulo: Perspectivas, 2004.

HEIDEGGER, Martin, (1954, Vortrage und Aufätze) *Ensaio e Conferências*, Bragança Paulista, 2012

KOOLHAAS, Rem (1995). *Small, médium, large, extra-large*, New York: Monacelli Press.

LOPES, Diogo Seixas (2015, Melancholy and Architecture – On Aldo Rossi) *melancolia e arquitectura em ALDO ROSSI*. Lisboa: Orfeu Negro, 2019

LYNCH, Kevin (1960, The Image of the City), *A Imagem da Cidade* 2017, Lisboa: Edições 70

MACHABERT, Dominique & **BEAUDOUIN**, Laurent. *Álvaro Siza Uma questão de medida*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2009

MATA, Maria Jesús Rubiera. *Ibn Muqãna de Alcabideche*. Associação Cultural de Cascais, 1996

MERRIL, Michael, *LOUIS KAHN ON THE THOUGHTFUL MAKING OF SPACES the Dominican motherhouse and a modern culture of space*, 2010: Lars Muller Publishers

MIRANDA, J. G. Cardoso (1988). *Registo Fotográfico de Carcavelos e Alguns Apontamentos Histórico – Administrativos*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

NORBERG-SCHULZ, Christian (1979), *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, Rizzoli, 1991.

OLIVEIRA, Olivia de., 2010. Lina Bo Bardi - Obra construída. *Revista internacional de arquitetura 2G*. Editorial Gustavo Gili

PORTAS, Nuno (1969), *A Cidade Como Arquitetura*. Lisboa: Livros Horizonte.

PORTAS, Nuno, (2005), *Os tempos das Formas: A Cidade Feita e Refeita*. Guimarães: DAAUM.

PORTUGUESES, Associação dos Arquitectos. *Arquitetura Popular em Portugal, vol. 3ª ed. Banco de Fomento Nacional, 1988*.

ROSSI, Aldo (1966), *A Arquitetura da Cidade*, Lisboa: Edições Cosmos, 2001.

SATRE, Jean – Paul (1938, *La Nausée*) *A Náusea*, Mem Martins: Publicações Europa América.

SIZA, Álvaro (2012), *Imaginar a Evidencia*, Lisboa: Edições 70.

TÁVORA, Fernando (1999), *Da organização do espaço*. Porto: FAUP Publicações.

TELLES, Gonçalo Ribeiro (2005), *Engenharia e Vida, É urgente Reabilitar a Aldeia*. Engenharia e Vida (14-21)

TUAN, Yi-Fu (1974, *Topophilia: a study of environmental perception, attitudes, and values*) *Topofilia: um estudo da percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*, 1980, São Paulo: DIFEL

VENTURI, Robert (1966). *Complexity and Contradiction in Architecture*, New York: Museum of Modern Art.

Documentos Eletrônicos:

WENDERS, *Paris Texas*, 1984. Alemanha, França.

WENDERS, Wim, *As Asas do Desejo*, 1987. Alemanha, Road Movies; França, Argos Movies.

CARVALHO, Ricardo – Conferências de *Todos os Lugares*. [Consult. 15Dez.2018]
Disponível em: <https://vimeo.com/117795736>

CML – CORREDOR VERDE DE LISBOA [Em linha]. [Consult. 10 Dez. 2018]. Disponível em:
<http://www.cm-lisboa.pt/viver/ambiente/corredores-verdes/monsanto>

DOMINGUES, Álvaro – (Sub)úrbios e (sub)urbanos: o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? [Em linha]. [Consult. 20 Maio de 2019]. Disponível em:
<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1588.pdf>

VITRUVIUS, A marquise do Parque Ibirapuera e manifestação do conceito derriano “entre”: arquitetura como suporte de ações. [Em linha]. [Consult. 15 Julho de 2019]. Disponível em:
<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.070/371>

Índice de Imagens

- 1.SOTTASS, Ettore, Metafore, disegni per I diritte dell'uomo, 1972/1979. Disponível em: <https://www.artwort.com/2015/04/30/architettura/ettore-sottsass-metafore-nel-paesaggio/>
2. LONG, Richard, England, 1967. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/long-england-1967-al00183>
- 3.BUHLMANN, J. Perspective drawing of the Agora, 1969. Disponível em: <http://agora.ascsa.net/id/agora/image/1997.02.0286>
- 4.TOSTI, Paolo. Palio di Siena. Disponível em: <https://www.paolotosti.com>
- 5.MERISIO, Pepi, Rione Stella a Napoli, 1983. Disponível em: <http://smargiassi-michele.blogautore.repubblica.it/2013/04/26/il-gioco-di-pepi/>
- 6.CANALETTO. Venice, Vue De La Place Saint Marc. Disponível em: <http://www.sothebys.com/fr/auctions/ecatalogue/2015/important-mobilier-sculptures-objets-art-pf1511/lot.491.html>
- 7.The Ideal City, Pintura Renascentista, Baltimore. Disponível em: <https://archiobjects.org/the-ideal-city-in-three-renaissance-paintings/>
- 8.The Ideal City, Pintura Renascentista, Urbino. Disponível em: <https://archiobjects.org/the-ideal-city-in-three-renaissance-paintings/>
- 9.Fotografia da Avenida de Gobelins do Plano de Georges-Eugene Haussmann, de Paris, entre 1864. Disponível em: <https://profes.com.br/nataliar/blog/a-reforma-de-paris>

10.Proposta do plano Voisin para Paris, Le Corbusier, 1925. Disponível em: <http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=6159&sysLanguage=en-en&itemPos=2&itemCount=2&sysParentName=Home&sysParentId=65>

11.Imagem retirada do filme “As asas do desejo” do realizador Wim Wenders, 1987

12.CHIRICO, Giorgio, Pintura metafísica duma praça Italiana, 1960. Disponível em: <https://www.italianways.com/italys-squares-in-giorgio-de-chiricos-works/>

13.GHIRRI, Luigi, fotografia de Providence, 1986. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/photographers-gallery/5431042176/in/photostream/>

14. Imagem do Centro de Houston, retirada do filme “Paris Texas” do realizador, Wim Wenders, 1984.

15. Fotografia do autor. Cidade de São Paulo vista do terraço do edifício Copan, 2018.

16. EBBETS Charles C., “Lunch on a Skyscraper”, 1932. Disponível em: <https://fhox.com.br/blogs/charles-c-ebbets-o-lendario-fotografo-de-altitude/>

17. GHIRRI, Luigi. Galeria de Uffizi, Florença, 1991. Disponível em: <https://www.themammothreflex.com/grandi-fotografi/2018/04/05/le-fotografie-di-luigi-ghirri-alla-triennale-di-milano/>

- 18.** Fotografia do Mercado do Carandá, Braga, 1984. Disponível em:
<https://ducciomalagamba.com/arquitectos/eduardo-souto-moura/285-reconversion-mercado-caranda-braga/>
- 19.** Fotografia do Convento do Carmo, Lisboa, estúdio Horácio Novais. Disponível em:
<https://www.flickr.com/photos/biblarTE/14538946179/>
- 20.** Fotografia dos Terraços do Carmo e Ligação Pedonal entre o Chiado e o Largo do Carmo (via Câmara municipal de Lisboa) Disponível em: <https://www.archdaily.com/784019/alvaro-siza-restores-the-carmo-convent-neighborhood-in-lisbon>
- 21.** HABERKORN, Werner. Marquise do Parque Ibirapuera. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Werner_Haberkorn_-_Vista_pontual_da_Marquise_do_Parque_do_Ibirapuera._S%C3%A3o_Paulo-SP_1.jpg
- 22.** Fotografia de Simone Prates. Marquise do Parque Ibirapuera. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Werner_Haberkorn_-_Vista_pontual_da_Marquise_do_Parque_do_Ibirapuera._S%C3%A3o_Paulo-SP_1.jpg
- 23.** Fotografia da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, Vilanova Artigas. Disponível em: <https://www.atlasofplaces.com/architecture/fau-usp/>
- 24.** FINOTTI, Leonardo. Museu de Arte de São Paulo. Disponível em:
<https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/artigos/artigo-masp---breve-historia-de-um-mito>
- 25.** FINOTTI, Leonardo. Cobertura do MASP. Disponível em:
<http://www.leonardofinotti.com/projects/masp/image/00501-151109-166d>

- 26.** Fotografia Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. Estúdio Horácio Novais, pós 1969. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/biblarde/15875178395/in/photostream/>
- 27.** Fotografia de Pedro Ribeiro Simões. Jardim da Sede Calouste Gulbenkian. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/pedrosimoes7/18764037764>
- 28.** Fotografia do High Line, Nova York, antes da intervenção, Joel Sternfeld, 2001. Disponível em: <https://www.thehighline.org/photos-videos/historical/>
- 29.** Fotografia do High Line, Nova York, após intervenção, Anita Ng. Disponível em: <http://www.anitatakespictures.com/high-line>
- 30.** Fotografia da Estação do Caminho de Ferro, Carcavelos. Disponível em: http://www.carcavelos.com/fotos_carcavelos_antigas.asp
- 31.** Fotografia da Estrada Marginal, 1960. Disponível em: <http://lisboadeantigamente.blogspot.com/2016/04/estrada-marginal-da-costa-do-estoril.html>
- 32.** Fotografia aérea de Carcavelos. Disponível em: <http://www.livingincascais.com/praias/praiade-carcavelos/>
- 33.** Fotografia da Rua 5 de Outubro, onde se realizava o mercado no início do século XX. Disponível em: http://www.carcavelos.com/fotos_carcavelos_antigas.asp
- 34.** Fotografia do autor, 2019. Recinto da zona de mercado atualmente.
- 35.** Fotografia do autor 2019. Estação do Caminho de Ferro atualmente.

